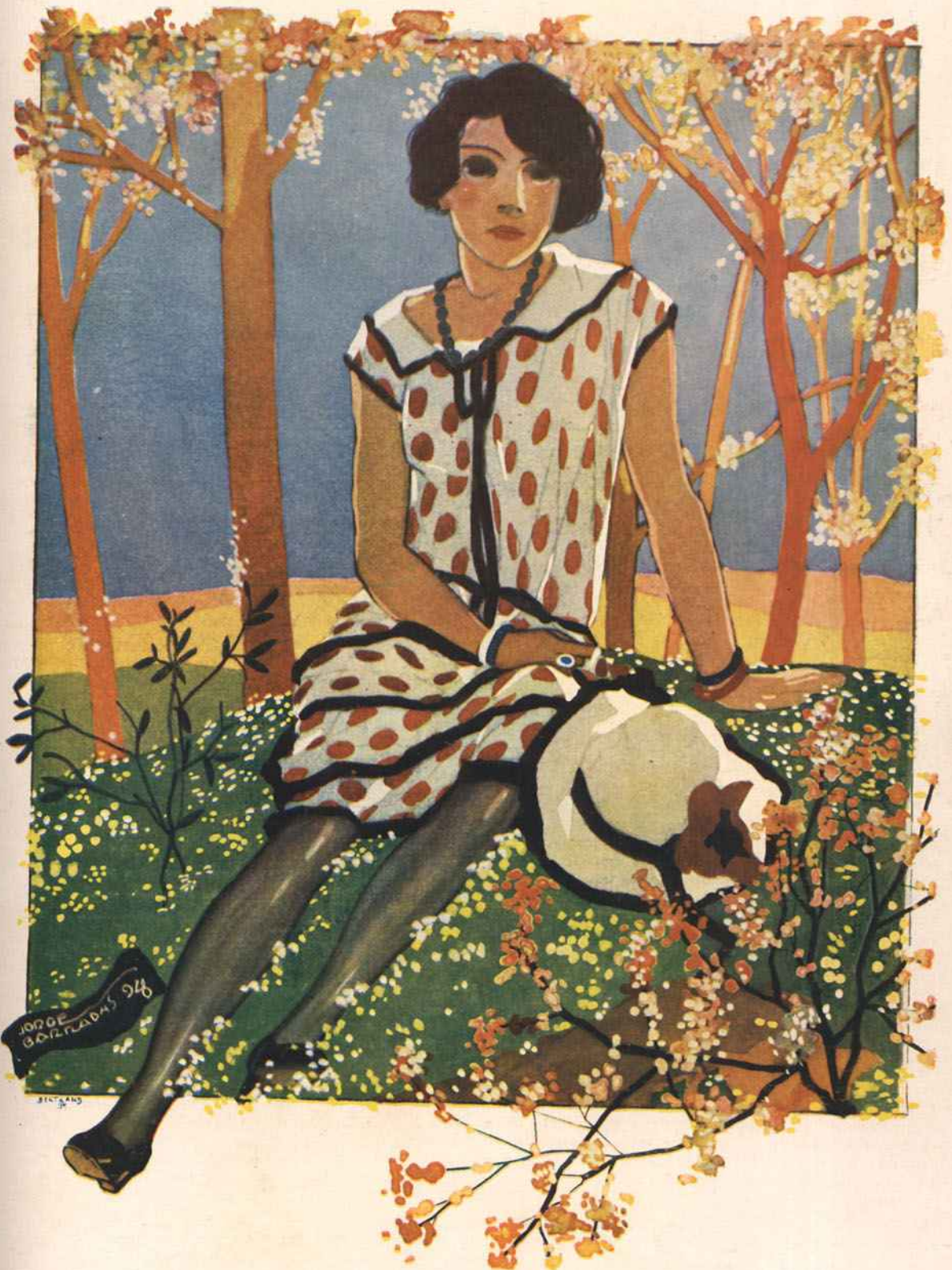


# ILUSTRAÇÃO



3.º ANO  
NÚMERO 56

Lisboa, 16 de Abril de 1928

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO  
4\$00



## ULTIMAS OBRAS PUBLICADAS

PELA

# MAIS ANTIGA E MELHOR COLECCÃO

DE

## LIVROS TÉCNICOS PORTUGUESES

### ELEMENTOS DE METALURGIA

é um volume de 324 páginas, com 121 gravuras, em que o seu autor, o sr. João Emilio dos Santos Segurado, desenvolve proficientemente todos os assuntos de que trata, tais como: Combustíveis, operações metalúrgicas, fabrico do ferro e do aço, descrição dos metais mais vulgares, dando ácerca de cada metal as suas propriedades, a sua análise química, os minérios susceptíveis de o produzir, os diversos processos de preparação e os diversos fornos e aparelhos usados.

1 volume, encadernado em percalina..... 20\$00

### MANUAL DO MARCENEIRO

é um dos mais interessantes livros publicados ultimamente. O seu autor, sr. João Pedro dos Reis Colares, desenvolve, com a grande competência de um profissional distinto, todos os assuntos que dizem respeito ao artista marceneiro, de forma tão clara, que torna este livro muito útil também a todas as pessoas que queiram ter conhecimento deste attraente

oicio. Igualmente o amador de móveis encontrará nele um repositório dos estilos principais usados no mobiliário, sem ter de recorrer a custosas publicações estrangeiras.

Um volume, encadernado em percalina, com cerca de 300 gravuras no texto e um album de mobiliário artístico ..... 20\$00

### MANUAL PRÁTICO DO FOTÓGRAFO

PELO SR. ANTÓNIO DAMASO DAS NEVES

É o último livro publicado em português sobre fotografia, que nos dá os conhecimentos técnicos dos diversos processos usados até a actualidade. Nele encontramos uma pequena descrição histórica, descrição do material fotográfico, laboratório e gabinetes escuros, galerias, processos de fotografia, objectivas, variedades fotográficas, etc.

Um volume encadernado em percalina, de 200 páginas, com bastantes gravuras elucidativas..... 12\$00

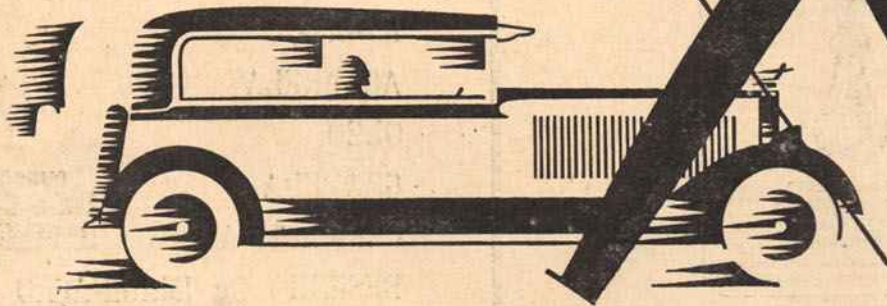
**PARA O HOMEN MODERNO,  
UM CARRO TAMBEM MODERNO.**

O Erskine Six Studebaker é o carro que vos convem. Dum preço excepcionalmente razoavel, tem todas as vantagens dos carros de luxo, de seis cilindros: facilidade extraordinaria de andamento; rampas de 11% em prise directa; força suave, regular e inexgotavel; segurança, absolutamente garantida pelos seus freios mecanicos ás 4 rodas; despezas de manutenção e consumo inferiores ás de todo e qualquer outro carro de categoria identica. Pelo seu modernismo, o Erskine Six não tem rival!

*6 cil. - 12 HP. - 100 km. á hora.  
rampas de 11% em prise directa.*

**O Erskine Six Sedan**

*Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.*



F. CP  
AT. CARLU

Unicos representantes para Portugal:

**C. SANTOS, LDA.**

LISBOA: Rua do Crucifixo 55 a 59

PORTO: Praça da Liberdade, Edifício da Nacional.

**STUDEBAKER**



**ERSKINE SIX**

E A 41



# “CORONA”

*A melhor e mais rápida ma-  
quina de somar escrevente.*

Agencia para Portugal e Colonias:

**J. GONÇALVES**  
Calçada do Carmo, 8, 12  
Rua 1.º Dezembro, 16  
LISBOA

**CE QUE FEMME VEUT**  
PERFUME DE  
GELLÉ FRÈRES  
PARIS



essencia  
pó de arroz  
loção  
sabonete

De Vender em todas as boas Casas  
Agencia para Portugal e Colonias: J. GONÇALVES, Rua de Madalena 2º, LISBOA

# Grip-fix A COLA IDEAL

ACEIO—ECONOMIA—RAPIDEZ  
Não se entorna, colando imedia-  
tamente após a sua aplicação **Preço 12\$00**

Únicos representantes para Portugal e Colónias

**AILLAUD, LIMITADA**  
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

## LEIAM

O mais discutido dos livros

# JESUS CRISTO EM LISBOA

OBRA PRIMA  
DE PENSAMENTO MODERNO

POR

**RAUL BRANDÃO**

E

**TEIXEIRA DE PASCOAIS**

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS

**AILLAUD E BERTRAND**

Chiado, 73 e 75—LISBOA

DESENHO ELEMENTAR

ORNATO

FIGURA

AGUARELA

OLEO

GRAVURA

CARICATURA

DESENHO DE IMAGINAÇÃO

ESTILISAÇÕES

ARTES DECORATIVAS FEMININAS



**CURSO DE  
DESENHO  
POR CORRESPONDENCIA**

Tudo isto tem por base o desenho e tudo isto se ensinará pelos mais modernos processos didáticos no CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDENCIA que foi aberto aos assinantes e leitores da «ILUSTRAÇÃO», «VOGA» e «MAGAZINE BERTRAND». Se dispõe de 1 ou 2 horas por dia pode, sem sair de sua casa aprende-lo. Veja no «MAGAZINE BERTRAND» as condições.

Á VENDA EM TOMOS  
DE 80 PAGINAS A 9\$00

NOVO DICCCIONARIO  
DA  
LINGUA PORTUGUESA

POR CANDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Ciências de Lisboa, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiatica de Paris, da Academia de Jurisprudencia de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUARTA EDIÇÃO muito corrigida e copiosamente aumentada

O MAIS ACTUALISADO, AUCTORISADO E COMPLETO

DICCCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA

OBRA COMPLETA

2 grossos volumes solidamente encadernados em carneira 250\$00

Pelo correio (encomenda postal) e embalagem mais 5\$00

VENDA EXCEPCIONAL DE 1.000 EXEMPLARES  
EM TOMOS DE 80 PÁGINAS A ESC. 9\$00

*A Empresa desejando facilitar a aquisição desta grande obra resolveu a venda excepcional de 1.000 exemplares em tomos de 80 paginas a esc. 9\$00. O comprador poderá receber um tomo por mês, por semana ou como quiser, por motivo da obra se encontrar completa. Pelo correio, á cobrança cada tomo mais \$90. Em qualquer livraria do país podem ser tomadas assinaturas, ou directamente aos editores.*

PEDIDOS AS LIVRARIAS OU AOS EDITORES

S. E. PORTUGAL BRASIL

RUA DA CONDESSA, 80 — LISBOA

## SEMANA SANTA EM SEVILHA

Por motivo das festas, feira e touzadas em Sevilha, a Companhia Portuguesa resolveu tornar diários os comboios rápidos do Algarve, no período de 26 de Março a 25 de Abril.

Haverá bilhetes especiais com a seguinte validade:

Ida de 26 de Março a 25 de Abril.

Regresso chegada a Lisboa até 25 de Abril — aos seguintes preços de ida e volta:

1.ª classe 125\$75 — e pesetas 30,00.

2.ª classe 93\$30 — e pesetas 30,00.

O preço total dos bilhetes é cobrado em moeda portuguesa, fazendo-se a conversão do partícipe espanhol a escudos acâmbio anunciado nos avisos afixados nas estações.

Esta Companhia tem serviço combinado com óptimos barcos a gasolina para a travessia do Guadiana entre Vila Real de Santo António e Ayamonte e com auto-cars entre Ayamonte e Sevilha.

Dêste modo, os passageiros que tomem em Lisboa, Terreiro do Paço, o vapor que parte desta estação às 8 horas, que liga em Barreiro com o rápido n.º 851, chegam a Sevilha pelas 21 horas.

O regresso de Sevilha para Lisboa é feito em idênticas condições em 14 horas, partindo os auto-cars de Sevilha pelas 9 horas para chegarem a Ayamonte pelas 15 horas.

O comboio rápido n.º 852, que liga em Vila Real com os gasolinas que chegam a esta estação pelas 15,30 horas — parte de Vila Real de Santo António às 16 horas — chegando a Barreiro às 22,29 — ligando com a carreira n.º 22, que chega a Lisboa, Terreiro do Paço, às 23,20 horas.

Tanto no comboio de ida como no comboio de volta há «wagon-restaurants», e é permitida a marcação de lugares nas estações de Lisboa Terreiro do Paço e Vila Real de Santo António — para qualquer destino — nos termos da respectiva tarifa.

*Para que  
nas longas noites de inverno  
as horas passem a correr  
basta lêr o*



MAGAZINE  
**BERTRAND**

*O mais belo repositório de conhecimentos científicos, a  
mais empolgante série de aventuras maravilhosas é a  
obra do genial romancista*

## JULIO VERNE

*primorosamente ilustrada em edições populares ao alcance de todos*

SÃO LIVROS QUE TODOS DEVEM LÊR

PEDIDOS AS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, CHIADO, 75 — LISBOA



**S. A. P.**

Serviços Aéreos Portuguezes, Ltd.

AVENIDA DA LIBERDADE, 3

Serviço aéreo entre LISBOA-MADRID

com aviões JUNKER'S completamente metálicos

Para Madrid: { 3.ª feira }  
                  { 4.ª feira } 10,30 horas  
                  { Sábado }

Avião: 4 horas

Combóio: 17 horas

Para informações dirigir-se a todas as agências de vapores e de turismo bem como à sede da Companhia

# CRÉDITO PREDIAL PORTUGUEZ

A amortização das obrigações de 7%, cuja subscrição está aberta na sede da Companhia—Lisboa, Rua Augusta, 235 e na Delegação do Porto—Praça Almeida Garrett, 35, é feita semestralmente, sendo:

## NOS PRIMEIROS CINCO ANOS (SORTEIOS SEMESTRAIS)

### NO 1.º SORTEIO (SETEMBRO)

1 amortizada por	40:000 700
1 " " "	10:000 700
2 amortizadas a	1:000 700
99 " " "	200 700

103

### NO 2.º SORTEIO (MARÇO)

1 amortizada por	300:000 700
1 " " "	25:000 700
1 " " "	10:000 700
1 " " "	5:000 700
5 amortizadas a	1:000 700
148 " " "	200 700

157

A amortização das restantes para completar o numero fixado no respectivo quadro, que nestes cinco anos é na totalidade de 44.777, será feita a Esc. 120\$00

NOS ANOS SEGUINTEs É FEITA TAMBEM COM PREMIOS NAS CONDIÇÕES DO RESPECTIVO PROGRAMA. O preço da subscrição, a PRONTO PAGAMENTO é de Esc. 100\$00.

A Companhia recebe em pagamento, pelo seu valor nominal, Obrigações de 10 %, com premios das anteriores emissões sendo, no acto da subscrição pago aos portadores o juro vencido destes Titulos e entrega alem da respectiva cautela, com os numeros definitivos por cada grupo de duas Obrigações recebidas, um escrito hipotecario do valor nominal de Esc. 10\$00.

Estes escritos hipotecarios não vencem juro, mas podem ser trocados, dentro de um ano a contar da data da sua emissão, correspondentemente pelo seu valor nominal, por Obrigações

desta nova emissão e entram num sorteio especial que se realizará até 31 de Março de 1929 sendo amortizados:

1 por Esc.	100:000 700
1 " " "	25:000 700
50 " " "	500 700

Para os subscriptores que preferam pagar EM PRESTAÇÕES o preço é de Esc. 105\$00 sendo:

No acto da subscrição	20\$00
Nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro de 1928 (em cada mês)	25\$00

Estes subscriptores não terão direito a abatimento por antecipação no pagamento das prestações, mas as que não forem pagas nos respectivos meses vencerão, a favor da Companhia, o juro de 12 % ao ano, contado por meses completos.

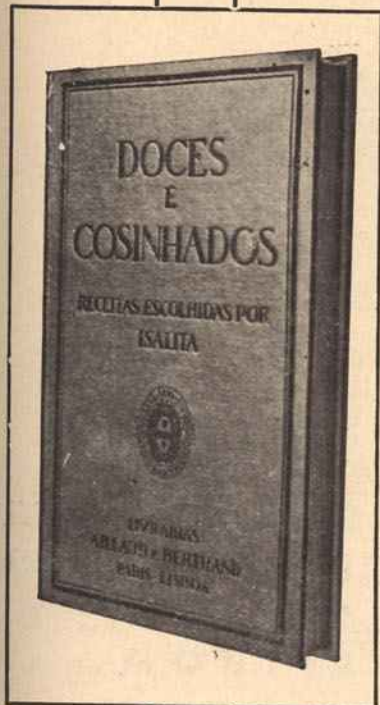
# DOCES E CÔSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS  
POR  
ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. 25\$00

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**LEIAM O FORMIDAVEL  
EXITO LITERARIO**

# **TRABALHOS FORÇADOS**

**DO GRANDE PANFLETÁRIO**

**JOÃO CHAGAS**

**O MAIS EMPOLGANTE  
DE TODOS OS VOLU-  
MES DE MEMÓRIAS**

**A REVOLUÇÃO DE 31  
DE JANEIRO VISTA  
POR ALGUÉM QUE  
TOMOU PARTE NELA.**

**EDIÇÃO DEFINITIVA  
EM TRÊS VOLUMES**

**CADA VOLUME  
BROCHADO . . . 10\$00**

**♦ PEDIDOS ÀS LIVRARIAS ♦  
AILLAUD E BERTRAND  
RUA GARRETT, 73 E 75  
♦ ♦ ♦ LISBOA ♦ ♦ ♦**



Diccionario  
Prático  
Ilustrado

# Diccionario Prático Ilustrado



Tamanho real do volume

DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO  
LUSO-BRASILEIRO

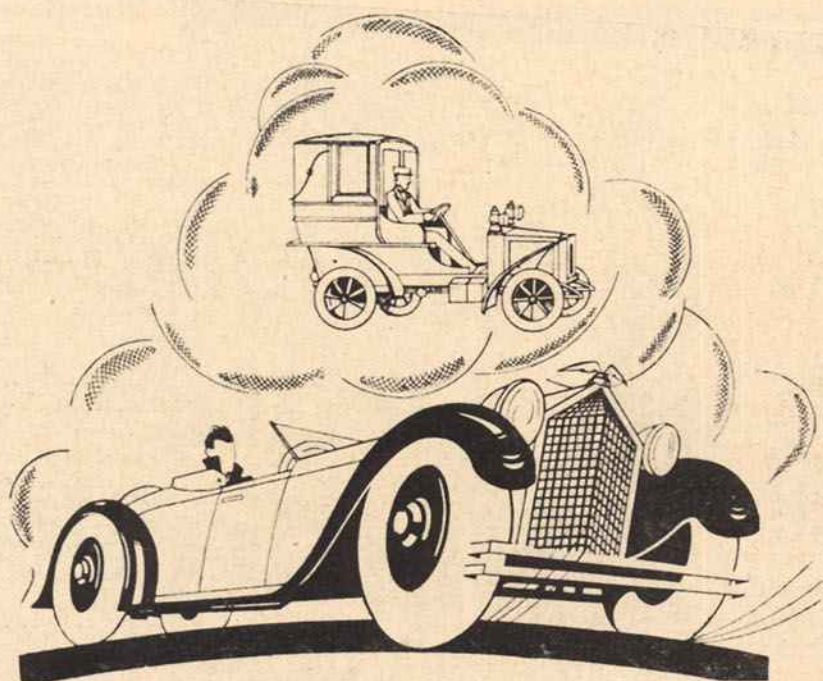
publicado sob a direcção de JAIME DE SEGUIER  
(Segunda edição revista)

LIVRARIA CHARDRON de Lelo & Irmão, Limitada — Editores  
144 — Rua das Carmelitas — PORTO

DEPOSITÁRIOS EM LISBOA :

LIVRARIAS AILLAUD e BERTRAND — R. Anchieta, 25

Língua portuguesa, Artes, Letras, Ciências, Sinónimos, Termos brasileiros, Locuções latinas e estrangeiras. Mais de vinte mil artigos de História, Biografia, Geografia, (particularmente de Portugal e Brasil). — Notícias bibliográficas relativas às obras capitais de todas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira. — Mitologia, Monografias de obras de arte famosas. — 6.000 gravuras distribuídas no texto, 110 quadros enciclopédicos, 1.000 retratos de individualidades célebres, 90 mapas geográficos, 8 mapas a cores, etc. — Preço do volume encadernado, 45\$00. Pelo correio, registado, mais 4\$50.



**A EPOCA ACTUAL  
EXIGE PROGRESSO**

**OS MOTORES MODERNOS NECESSI-  
TAM DE COMBUSTIVEIS PERFEITOS E  
UMA LUBRIFICAÇÃO IMPECÁVEL.**

**A GAZOLINA SHELL  
E OS OLEOS SHELL**

**SATISFAZEM INTEIRAMENTE ÀS EXI-  
GENCIAS DA MECANICA MODERNA  
EM CONSTANTE APERFEIÇOAMENTO.**

**THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.º<sup>TD</sup>  
RUA DO CRUCIFIXO, 49-LISBOA**

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :  
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR :  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

ANO 3.º — NÚMERO 56

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

10 DE ABRIL DE 1928



A COMEMORAÇÃO DO 9 DE ABRIL.

(Fotos Mário de Novais e Alvaro Martins).

1—EM LISBOA.—O desfile, na Avenida da Liberdade, dos ex-combatentes portugueses. — 2—NO PORTO.—O vencedor da corrida «Chama da Pátria» durante os dois minutos de silêncio, ante o monumento aos mortos da Grande Guerra. À esquerda o senhor Coronel Craveiro Lopes, comandante militar da região. — 3—NO PORTO.—A multidão ante o monumento aos mortos no momento da inauguração. — 4—EM LISBOA.—O sr. Presidente da República e membros do Governo, durante os dois minutos de silêncio, ante o local do monumento a erigir aos mortos da guerra. — 5—EM LISBOA.—O desfile dos ex-combatentes aliados na Praça dos Restauradores

# CRÓNICA DA QUINZENA

O cérebro de Anatôle France pesou 1.017 gramas, pouco mais dum quilo. O peso médio do cérebro dum homem da nossa raça é de 1.360 gramas, havendo consideráveis variações em torno d'este número.

O cérebro de Gambeta, orador como Demosthenes, e patriota como Kosciusko, sem os seus talentos militares, pesou 1.160 gramas.

Se houvesse uma relação directa, uma directa proporcionalidade entre o peso do cérebro e o potencial de inteligência em cada indivíduo, forçoso seria concluir pela inferioridade de Gambeta e de Anatôle France, ficando Anatôle France abaixo de Gambeta 143 gramas. O que isto representa ou pode representar em inteligência, em talento, em génio, não sabemos; mas como peso, e visto tratar-se de pequenos números, a diferença é atendível.

Como é geralmente sabido, pelo menos como é geralmente afirmado, só a massa cinzenta do cérebro é considerada como substrato das faculdades nobres do homem — a inteligência e a vontade. Conviria, então, pesar em separado a massa cinzenta e a massa branca, apurando assim números mais próximos da verdade, isto é, mais rigorosamente indicadores do valor mental das pessoas cujo cérebro se submete ao critério da balança.

As pesagens do cérebro, como as mensurações do crâneo, fornecem números que só tem valor no sistema métrico, nada se concluindo d'elles, com rigôr científico, que possa aproveitar á Psicologia ou á Moral.

Gambeta era uma inteligência poderosa, e para mais uma inteligência culta; como orador não o igualou nenhum dos homens da sua geração, e ainda o não excedeu nenhum dos homens da geração moderna, em França. Podia ter discursado na *Agora*, como Demosthenes; podia ter discursado no *Forum*, como Cicero; podia ter discursado no *Jogo da Pella*, como Mirabeau; podia ter discursado na *Convenção*, como Barnave. Possuía vastos conhecimentos da História e da Filosofia; tinha a nítida compreensão dos fenómenos políticos, que estudava com o severo critério dum sociólogo e procurava resolver com a integridade dum moralista.

Pois bem.

O cérebro de Gambeta, o homem da *révanche*, pesou apenas 1.160 gramas, ficando muito abaixo, em peso, do cérebro dum leão de criminosos, incultos pela maior parte, e cujo peso médio do cérebro excedia 1.300 gramas.

O cérebro de Anatôle France, com as suas 1.017 gramas, faria triste figura numa galeria de cérebros colccionados *ad hoc*, sem nenhuns propósitos de estudo, cérebros de gente ignara e de gente culta, a moleira de ladrões e assassinos, à mistura com a de alguns imbecis burguêsmente honestos.

E, contudo, Anatôle foi um dos mais altos espíritos da França contemporânea, artista supremo, dum correção impecável e dum beleza inexcedível, na arte de escrever, alma de poeta grêgo com sonhos de filósofo indiano, conviva dos banquetes de Epicuro que andou a procurar, durante séculos, para resurgir, a expressão mais delicada dos prazeres mais intensos, um Fauno que coasse a sua sensualidade através de jóias caras e rendas finíssimas.

Não era um sábio, Anatôle France; não era, tão pouco, um filósofo, como já temos ouvido chamar-lhe a pessoas que consideram filosofia o conjunto de noções adquiridas sobre a evolução das sociedades, sobre o futuro do mundo e sobre o sentido da vida. Inteligência vastamente culta, o saber de Anatôle France servia-lhe para encontrar motivos ou fórmulas de Arte nos domínios onde outros, os sábios, só procuram e só encontram — quando encontram! — verdades novas e aspectos novos de verdades antigas. Não tinha o temperamento filosófico de Guyan, nem o saber aprofundado de Renan.

Seja como fór, a verdade é que o cérebro de Anatôle não pesou mais de 1.017 gramas, quasi sómente um quilo! Se d'este peso deduzirmos 52 gramas, correspondentes ao peso dos anexos do cérebro — envoltorios e líquido cefalo-raquidiano — segundo Broca, teremos que o peso do cérebro de Anatôle France, que provavelmente, como é costume, foi pesado como saía da caixa crancana, fica reduzido a 965 gramas. Convém advertir que este peso, o dos anexos cerebrais, aumenta com a idade, por um processo de evolução senil, e o bom Anatôle, felizmente para ele e para a literatura, morreu com os oitenta já feitos.

Calculamos que este caso de Anatôle France seja agradável à legião dos micrócefalos das letras, em prosa e em verso, senhores e cavalheiros, e por isso o escolhemos

para assunto desta crónica, escrita em plena semana santa, mas destinada a vêr a luz da publicidade já fechado o ciclo do bacalhão, quasi a ombrear em preço com a melhor carne de vaca.

O peso do cérebro de Anatôle era, na realidade, muito pequeno, mas a sua morfologia era muito complicada, dum raro complicação.

Passou de moda a Antropologia lombrosiana; mas ainda se procuram relações, que não sejam méras coexistências, entre certos predicados de ordem intelectual e moral, e determinados caracteres somáticos ou orgânicos, uns externos outros internos, na sua quasi totalidade relativos à caixa dos miolos. O *criminoso nato* e o *homem de génio*, segundo a concepção de Lombroso, passaram de vez à História, mal se conservando na tradição; mas da Escola de Antropologia Criminal que o illustre sábio italiano fundou, reagindo contra o classicismo da época, alguma coisa ficou de muito valor, e de que ainda se não tiraram as últimas consequências.

Peso e capacidade do crâneo; extensão relativa dos seus diâmetros; pregas anastomóticas, mais ou menos frequentes, do cérebro e suas fendas ou rachas mais ou menos confluentes, tudo isto são curiosidades científicas com que se entreteem os sábios, e que ainda não forneceram à antropologia uma base sólida permitindo fazer certas previsões e estabelecer salutaros preceitos e regras.

Mesmo no campo restricto da criminalidade e da loucura, ainda hoje Peré poderia repetir as suas palavras de há meio século: *No estado actual da sciência, nenhuma relação se pode estabelecer entre uma anomalia cerebral e a criminalidade e a loucura.*

Por enquanto, e Deus sabe ainda por quanto tempo, a coisa verdadeira é o criminoso denunciar-se pelo seu crime, o homem inteligente pelos seus acertos, o asno pelas suas tolices, o homem sério pelo seu procedimento correcto e o pantomineiro pelas suas invenções.

Bordier, comparando numerosos e variados crâneos sob o ponto de vista da circumferência horizontal, conclui que ella é igual nos sábios e nos criados de servir.

Que desconsolo para os sábios a valer, se o Estatística não fôsse, num grande número de casos, uma desordenada fantasia ou uma grosseira mentira!

ESTE NUMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

# ACTUALIDADES



EM CIMA, à esquerda.— Os alunos do 3.º ano de Direito de Coimbra com o professor Oliveira Salazar e com as individualidades mais em destaque de Lvoara, por ocasião da sua visita àquela cidade.  
(Foto de Sr. Corte Real)

NO OVAL, à direita.— Um aspecto da inauguração da Exposição Anual da Sociedade Nacional de Belas Artes que é o mais importante certame artístico da temporada.

NO OVAL, à esquerda.— Um aspecto do desastre dos escombros ocasionados pelo catástrofe de Santos (Brasil).

A DIREITA.— Uma vista da encosta desmoronada em Santos (Brasil), catástrofe que ocasionou inúmeras vítimas.



EM CIMA, à esquerda.— A multidão, no Porto, aguardando diante do «placard» do *Diário de Notícias* as mulheres do desafio de «football» Portugal-Argentina.

EM BAIXO, na medalhão e à direita.— Dois aspectos do mesmo desafio Portugal-Argentina em que os nossos jogadores conquistaram um honroso empate.

(Fotos «Ilustrações»)

# NO PORTO



1 — Aspecto do copo de água oferecido durante a recepção feita na Câmara Municipal do Porto aos membros da Vintner's Company, de Londres.  
 2 — Carlos Bieck no Porto: — A recepção feita pelos estudantes na glorioso avião, à porta da Universidade.

6 — Grupo de formosas senhoras portuenses que realizam pedidório em favor da benemérita Associação Humanitária de Bombeiros do Porto, sob o título do Folar do Bombeiro.  
 7 — A Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Joana Wanzeller, obtendo donativos, nas ruas, para o Folar do Bombeiro.

8 — Quem não há-de ser benemerito?...  
 (Fotos de Álvaro Martins para a Ilustração)

3 — Carlos Bieck assinando o Livro de Honra dos visitantes da Universidade, na presença do vice-reitor em exercício, Professor Lopes Martins.  
 4 — A quíte em favor do Dispensário do Porto. — Um grupo de gentis postulantes, alunas das diferentes faculdades da Universidade, à porta do Banco do Minho.  
 5 — No Club dos Fenianos — Um aspecto do banquete de confraternização por motivo do 25.<sup>o</sup> aniversário da fundação desta colectividade de tão honrosas tradições.

Ilustração, acompanhando as actualidades portuenses, publica hoje, 16, um suplemento formidável contendo a reportagem fotográfica do desafio Portugal-Itália em foot-ball efectuada no Porto.



O decano dos cinzeladores portugueses, Augusto Luis de Sousa, nascido em Lisboa nos 11 de Fevereiro de 1851 e que expõe agora trabalhos seus e de seus filhos na casa Barbosa & Costa, do Largo Rafael Bordalo Pinheiro

# VIDA ARTÍSTICA



Um aspecto parcial da exposição dos lavrantes de prata Augusto Luis de Sousa L.<sup>o</sup> que tem sido um acontecimento notável



Caneca oval D. João F., uma das obras do velho artista cinzelador Augusto Luis de Sousa, maravilhosa pelas suas linhas elegantísimas e pelo delicado da factura e dos detalhes e que teve um grande successo quando do II Congresso da Ourivesaria. Outras peças maravilhosas têm os cinzeladores Augusto Luis de Sousa L.<sup>o</sup> na sua maravilhosa exposição, maravilhosa não só pela riqueza e perfeição da lavratura como também pela elegância suprema das linhas gerais e pelo culto da arte portuguesa tradicional que manifestam os seus autores. Buscando motivos portugueses de todas as épocas, simplificando-os num sentido de mais alta elegância, produziram estes artistas uma obra que merece admiração. O sr. Presidente da República visitou este certame encomiando as belezas lá expostas



Uma salva deliciosa, exposta por Augusto Luis de Sousa. Maravilhoso espécimen da industria artistica da ourivesaria em Portugal



O Club Português de S. Paulo, obteve do Prefeito daquela cidade um local para se erigir o monumento a Guerra Junqueiro, monumento que o mesmo club mandou executar á sua custa no ilustre escultor Costa Motta Sobrinho, seguindo agora para o Brasil, a bordo do «Cantuarua Guimarães», do Lloyd Brasileiro. Tanto o gesto patriótico da colónia portuguesa como a gentileza das autoridades brasileiras, têm alto significado. Mostram os primeiros que nunca esqueceram a pátria distante, homenageando-a, rezando-lhe em bellos exlases de admiração pelos seus filhos mais illustres, mostram os nossos irmãos brasileiros, associando-se a estas homenagens, que nelles vive o afecto profundo, sincero pelo povo que lhes abriu o caminho triunfal que estão percorrendo. Porisso uns e outros homenageiam com sinceridade o cantor sublime da «Pátria»

圖 四

À direita: — Aspecto da recente visita de estudo promovida pela Academia Recreio Artístico, uma das mais antigas e prestisiosas colectividades do género que existem em Lisboa, ao tempo da Madre de Deus, em Xabregas, admiravel tesouro da arte nacional. Fimda a visita, que foi elucidada pelo ilustre architecto sr. Ribeiro Cristino, os assistentes tiveram a lembrança gentil de depor um ramo de rosas na foz da Rainha D. Leonor



# FIGURAS DO MOMENTO



M.<sup>lle</sup> MARIA AMÉLIA FERREIRA DA SILVA

**D**ISTINTA pianista que fez o curso de piano e virtuosidade no nosso Conservatório, obtendo as mais altas classificações, e agora partiu para o Brasil a dar concertos em Rio de Janeiro e São Paulo.



MANUEL DE ORTIGÃO-BURNAY

**A**UTOR do livro «Aspectos da crise portuguesa», destinado a um grande êxito pelo seu valor e oportunidade.



ENGENHEIRO CHIREIX

**O** principal inventor do novo processo de «ondas curtas projectadas» que permite que, d'ora avante se telefone com a toda a segurança para o continente americano.

(Foto H. Manoel)



ALCÂNTARA CARREIRA

**P**ARTE em breve para o Brasil este nosso colaborador e amigo, numa viagem que, possivelmente, se estenderá ao Uruguay, Argentina e Chile.

No nosso número passado publicamos uma página indevidamente com a sua assinatura, quando se tratava duma notícia de forma redatorial. O equívoco partiu dessa página tratar de assunto de que Alcântara Carreira se tem ocupado em artigos e que o paginador julgou dever ser assinada por ele.

Apresentamos as nossas desculpas ao nosso colaborador e desejamos-lhe feliz viagem.



MARINETTI

**O** discutidíssimo apóstolo do futurismo, verdadeiro revolucionário intelectual das artes e da literatura, novelista e conferencista de formidáveis qualidades combativas, que acaba de efectuar em Espanha conferências que, conforme é costume, degeneraram em verdadeiras batalhas em que o idealismo se traduzia em equívocos e contusões de maior ou menor gravidade. Conquanto discutível, Marinetti immortalizou o seu nome, não pelo valor artístico da sua obra, que representa uma evidente fase de excesso renovador, mas pela função que teve abrindo caminho às novas escolas de arte, mais equilibradas que, sem o arrojo precursor do literato italiano, nunca se veriam compreendidas.



CONDE DE MARTENS FERRÃO

**O** corpo do destituido plenipotenciário de Portugal em Haia, conde de Martens Ferrão, na câmara ardente. No seu funeral incorporou-se o corpo diplomático, representante da rainha da Holanda e o mundo oficial.

(Foto exclusiva da «Ilustração»)



# ANTÓNIO SOARES

## UM PINTOR DE ALMAS UM POETA DA PINTURA

O certame da Sociedade Nacional de Belas Artes, êste ano excepcionalmente concorrido e com a presença dos mais nomeados valores da pintura portuguesa, presença tanto mais notável quando é certo que a ela já não estávamos habituados, por em destaque, mais uma vez, o pintor António Soares, talvez o artista mais representativo da geração que hoje está em plena florescência. Artista moderno, duma técnica forte, segura e, o que é raro, técnica muito pessoal sem ser exígua, êste pintor



ANTÓNIO SOARES

Os retratos maravilhosos que o pintor expõe êste ano em Barata Salgueiro mostram com que nobre coerência António Soares acroliton sempre em si próprio.

Obtida agora a consagração dos próprios mestres que, simpaticamente lhe não regatearam o elogio, António Soares, o pintor de retratos e subtil prescurtador de almas, tem aberta diante de si uma bela estrada



ANTÓNIO SOARES. — Retrato do escultor António da Costa

surpreza, é o eixo da exposição dêste ano no Palácio de Barata Salgueiro. Ocupa o lugar que merece no mundo artístico e para êle vai, com o maior respeito, a mais funda admiração dos artistas portugueses. Essa admiração deve estender-se a António Soares, pintor de almas, poeta do desenho, um modernista que, há dez anos, em plena fase de evolução, sujeito a todos os des-trambelhamentos lógicos dessas idades e dessas épocas de formação, se orgulhava de citar como lema a verdade axiomática de Ingres: «Le dessin c'est la probité de l'art».



ANTÓNIO SOARES. — Retrato de João de Sousa Fonseca

de hoje possui uma qualidade que, infelizmente, é muito rara; António Soares é um desenhador extraordinário, duma firmeza enorme, dum poder de realização verdadeiramente assombroso. Representado êste ano por desenhos apenas, aparte um pequeno quadro de Natureza morta que é tocado com mão de mestre, e outra pochade deliciosa de espírito António Soares triunfa numa competência rude.

Mestre Columbano, outro triunfador, mas um triunfador que já não pode causar-nos



ANTÓNIO SOARES. — Retrato do poeta António Boto

de triunfos. Por agora, baste-lhe a admiração unanime de todos que param ante os seus belos retratos (dos quais aqui reproduzimos alguns) deslumbrando-se ante a delicadeza do desenho da cabeça de Léa Niako, que a Ilustração reproduzirá, dentro em breve, na sua capa, a espiritualidade dos retratos de Luís Teixeira e António Boto, a rude força, magnífica de moldagem das mascaras de António da Costa e do director desta revista.

Juntamos os nossos louvores nos louvores unanimes da critica.

AMÂNCIO CABRAL,

(Fotos de Mário de Novais)

# UMA FESTA ELEGANTE

No vasto teatro Circo de Braga, realizou-se uma interessante récita de caridade organizada por uma comissão composta dos srs. Comendador Alberto Augusto Moreira de Matos, dr. António Abranches de Lemos e Meneses, Barão de São Lazaro, dr. Domingos de Araujo Afonso, Francisco da Costa Soares, José de Castro Ferreira Braga, José Luís Brandão de Carvalho, José Peixoto de Almeida, dr. Mannel Braga da Cruz e Mannel José Ferreira da Silva Araujo, cujo produto se destina a favor da benemérita instituição de caridade «Crèche de Braga».

«A récita foi qualquer coisa a marcar nos anais da já encantadora e linda história da mais graciosa e fina «troupe» de amadores scénicos bracarenses.

Executou-se uma lindíssima e encantador programa orientado com superior critério artistico. Na impossibilidade de resumir, no curto espaço de que dispomos, o que foi cada um dos numerosos e quadros apresentados, inserimos alguns aspectos, dos mais curiosos, da formosíssima festa. Assim, no alto da nossa página reproduzimos o final do quadro *O Despertar dos Bonecos* cenário original do illustre pintor José Luís Brandão de Carvalho, que obteve um êxito completo como decorador moderno e elegantíssimo.

Ao centro da página damos o retrato da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Teresa de Araujo Afonso na figura de «Infanta» do quadro *Figuras de Velasquez* e em baixo, à esquerda o quadro animado *A Princesa Amarelinha* que o poeta António

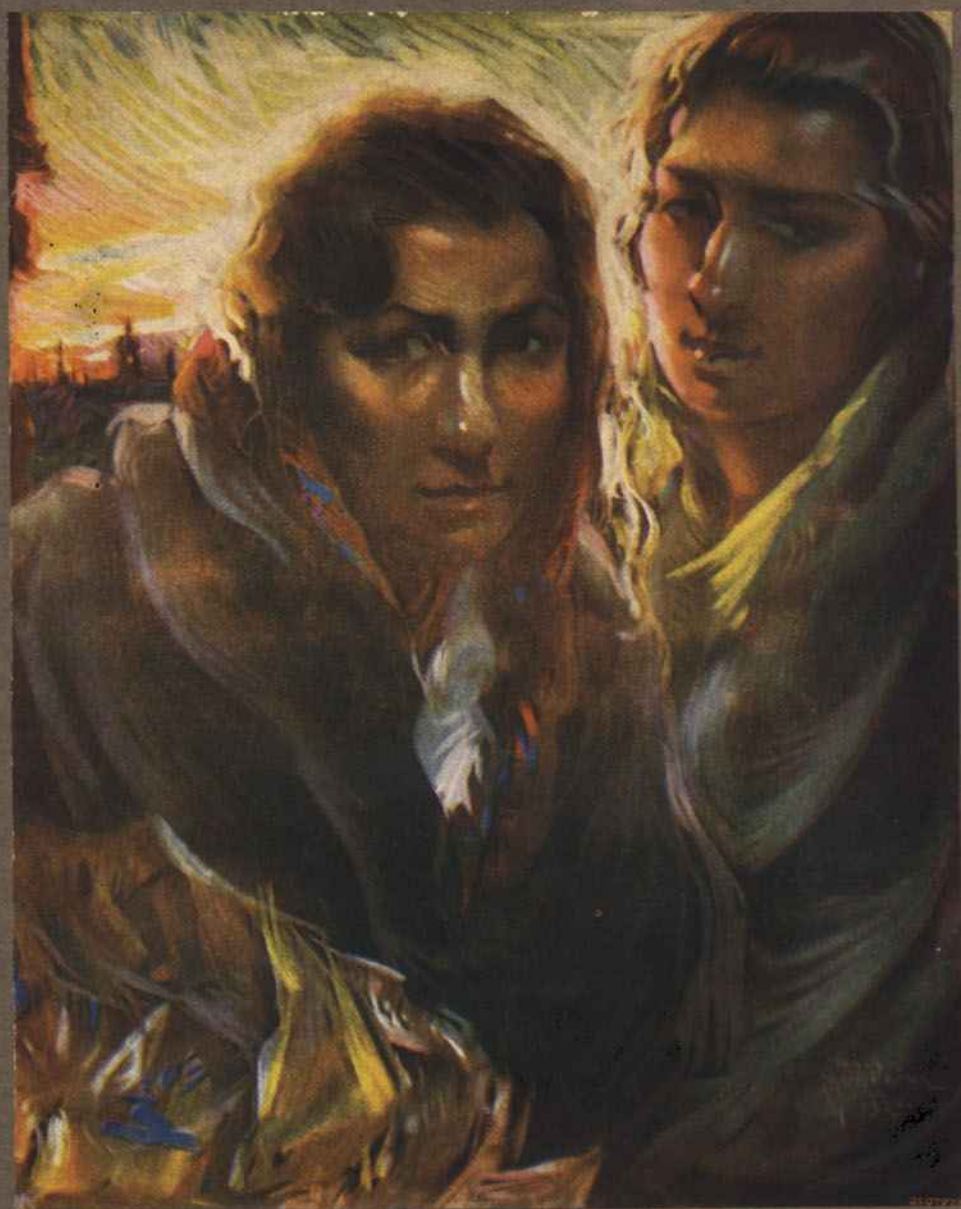


Corrêa de Oliveira escreveu para esta festa. Ao centro, sentada: D. Maria Sofia Marques de Azevedo e Moura «Princesa Amarelinha»; de pé, à esquerda para a direita: D. Maria de Lourdes Abranches de Lemos e Meneses Miranda, D. Maria Adelaide Pinheiro Braga Cardoso, D. Teresa de Araujo Afonso «Camareira», D. Anelma Lobão de Macêdo Chaves Mourão, D. Maria dos Prazeres Gonçalves Cabral, D. Aurora Lobão de Macêdo Chaves Mourão, D. Georgina Peixoto de Almeida «Camareira», D. Maria Delfina Gomes da Silva e Matos de Sousa Cardoso. A direita, os personagens do quadro delicioso, *O despertar*

dos bonecos. Da esquerda para a direita: «Velha de Capote e lenço», D. Maria Judite Pereira de Castro; «Bonecos de trapos», António M. de Araujo Venâncio, D. Maria Judite de Sousa Palha e dr. Domingos de Araujo Afonso; «Boneca de Cera», D. Maria de Lourdes Abranches de Lemos e Meneses Miranda; «Marionettes», José Feio Soares de Azevedo e Fernando da Costa Vilaça (Arlequim e Forcado); «Caixa de Música» D. Análito Tello de Magalhães Nunes; «Bonecos de Trapos» Armando José Viana Dias Pereira e D. Maria das Neves de Araujo Afonso; «Boneca de Cêra» D. Maria Elvira Marques de Azevedo e Moura. Sentados: «Pierrette» D. Maria dos Prazeres Gonçalves Cabral e «Pierrot», Barão de São Lazaro. No chão: «Bonequinhos de trapos» meninas Maria de Lourdes de Sousa Palha e Luis Afonso Monteiro Barbosa de Araujo.

Foi a mais bela festa elegante dos últimos tempos.





MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ

— Entardecer —

# A TERRA PORTUGUESA

## NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

### V

#### OS NOSSOS PARQUES (Continuação do n.º 49)—O PARQUE EDUARDO VII

Manda a lógica que sirva a ilustrar esta página a absoluta carência de ilustrações, pois que não oferecem ainda hoje, tantos anos após o baptismo, as terras escavadas e revoltas do alto da Avenida, sinais prometedores da sua transformação próxima nesse todo arborizado—com reais características de parque—que, tanto a estética citadina como a conveniência da população, de há muito reclamam das sucessivas vercações da capital.

Do assunto tenho tratado várias vezes e, comigo, alguns mais: Aquilino Ribeiro, neste mesmo lugar. Parece, porém, que a todos aqueles que desejam que se faça do Parque Eduardo VII simplesmente... *um parque*, a sorte não bafeja. Quere-se coisa mais complicada e bem diferente e apetece-se a propósito prodígios de engenharia, magnificências hoteleiras, feéricas decorações e não sei que requintes da mais espantosa arte scenográfica!

Foi noticiado que a actual Comissão Administrativa lançou mão, também ali, de algumas obras importantes, sujeitando-se a determinado plano; e dada a intensidade de trabalho de que—honra lhe seja—a mesma tem fornecido boas provas, estamos na iminência de uma iniciativa séria que todos devemos desejar bem orientada.

Cumpra dizer que á energia construtiva e ao zelo na administração, naquilo que é fundamental para a vida da cidade, importa juntar sempre bom gosto e bom senso, em doses maciças que sirvam a corrigir muito éro e muita fantasia reformista. Do mau sestro dos atentados contra a estética, perpetrados de conta própria ou consentidos, não parecem livrar-se éstos como os outros elis; dir-se ia que manda a tradição da casa! Que a cidade progrida e acompanhe as crescentes necessidades da população, bem está; mas que se não polua e abastarde, nem perca para isso, descaracterizando-se, as linhas tradicionais, sempre que estas possam continuar figurando, dignamente, na capital do país. Recordem-se, a propósito, uma vez mais, as profanações na praça do Rocio, cuja linha de severa elegância duas ou três ridículas construções modernas en-

xovalharam e as dos Restauradores que, num crescendo de mau gosto de pacotilha, vieram até afrontar no próprio embelezamento uma das mais nobres moradias de Lisboa—o palácio Foz; e, ainda, pequenas coisas da última hora reveladoras da mesma aversão, o celebrado tapume da Calçada da Glória e—o lugar é fatídico—as cercaduras dos canteiros da Avenida, cujo ferro pintaram a branco-prata, a geito de servirem em berços de criança ou em mimosos açafates para flores delicadas!

Comissões de estética e de melhoramento, formadas pelos competentes, existiram e existem ainda; mas do seu parecer não cuida a Camara que nem as ouve; e assim vamos vivendo! Por isso é legítima a apreensão de que me faço intérprete perante os novos planos anunciados para coisa de tanta monta como seja dotar Lisboa com o único *parque central* que hoje tem realização possível.

Que melhor podem, na verdade, os lisboetas pretender para aproveitamento das terras da Rotunda? Que ali se constitua, sem tardança, um núcleo de arborização adequada ao meio, bastante compacto e extenso para que valha como recreio saudável de ar livre (mórmente para as crianças dos bairros vizinhos) e bastante cuidado do mesmo passo em seu traçado e conservação, para que também esteticamente enobreça a cidade, tão desprovida hoje de tais adornos.

Nunca, em regra, os pais lisboetas mediram suficientemente as suas responsabilidades para com os filhos em matéria de bom ar, sem o que elles não hesitariam agora, tendo á frente os médicos higienistas, em reclamar, como o primeiro dos seus direitos de cidade, a quasi exclusiva consagração daquela área a logradouro infantil, adrede preparado com bom gosto, com geito e com saber.

Daquilo que agora se anuncia—postos embora de banda alguns dos mais espectaculosos alvitres—avulta o bastante, quando atentemos na relativa exiguidade da superficie, para que se preveja vir a ser o futuro Parque (chamemos-lhe assim por convenção) mais uma obra de engenharia urbana, con-

junto de grandes construções e amplos arruamentos, do que a mancha arborea de colorido forte e sombra acolhedora, remate capaz da avenida principal, que, por tôdas as razões, importa construir ali.

Fala-se em vários lagos, em pavilhões, avenidas e no casario circundante, o que tudo é—em terra escassa—espaço perdido para a arborização; e, com aquella nota de exotismo que nunca falta, numa imensa estufa fria...que virá a ser a maior da Europa! Ora pois, quem somos nós!

Atrás do maior e do nunca visto andamos, e daquilo que se faz necessário e daquilo que pode ser realmente belo, por bem enquadado nas condições próprias, não vale cuidar! Sem embargo, tôdas as capitais á altura da sua missão, creio eu, tratam a sério deste problema primário da arborização citadina. Se Lisboa já não é bem servida, nesta matéria, pelos arruamentos cujas árvores sofrem tratos de polé—nunca houve maneira de convencer a edilidade de que a assistência técnica era necessária neste ramo dos serviços camarários—peor se nos apresenta ainda quanto a núcleos de arborização; e os raros ensejos que oferece a cidade de emendar passados erros, parece que há todo o empenho em perdê-los sistematicamente; nisto, sim, que há tradição!

Parallelo doloroso o que oferece, guardadas as devidas proporções, o confronto com outras cidades! Roma, por exemplo, tem a ajudar poderosamente a sua incomparável riqueza monumental a circunstância de conservar cêrca, num vastíssimo plano, o grande parque da «Villa Borghesi», em cujas áreas ensombradas o péso da vida citadina como que se esvai e a serenidade volta ao espirito fatigado.

A amplidão do local permitiu que nele se instalassem também grandes construções, desde uma das numerosas galerias de arte até ao moderno Instituto Internacional de Agricultura; mas ninguém sente, caminhando, que é a cidade que assim se continua, com seu casario, seus vícios de acumulação e artificio, e seu forçado olvido da natureza. E menos o sentem as ranchadas de crianças que por lá continuamente espalham a sua alegria de viver.

E cuidará algúem que os efeitos mágicos deste Parque são conseguidos com essa complicada receita exótica que preferimos? Puro engano: das árvores que dominam poderei citar—lindíssimos exemplares de pinheiros mansos e rias inteiras bordadas... com azinho! Nem, ao menos, jardineiros desta boa terra, nem ao menos uma ruasinha de palmeiras! Já viram atrazo assim, e, sob um céu irmão do nosso, uma tão insonsa banalidade!

# DIOGO DE MACEDO

## E AS SUAS VINTE E CINCO ESCULTURAS



Actualmente nas artes plásticas acentuam-se duas correntes bem pronunciadas e distintas: a que tende a integrar-se no espírito clássico, iniciando assim uma nova Renascença, e a que procura fórmulas inéditas, de inédita expressão. E estas correntes não se evidenciam apenas nas artes plásticas; na própria literatura elas se verificam.



O que periga, o que tende a desaparecer por completo é a arte das academias, convencional e «pompières», sem elevação espiritual nem sinceridade de processos. Os artistas, os verdadeiros artistas pelo sentimento que passaram pelas academias oficiais, procuram em regra libertar-se da influência da escola, sacudindo do espírito meia dúzia de regras absurdas que lhes tolhem o pensamento, como quem sacode o pó do casaco.

A pintura e a escultura, com seu pai — o desenho — têm caminhado, nêstes últimos anos, ao saber de inúmeras hesitações, como a própria humanidade. Mas essas hesitações apenas demonstram que algo, de novo há de surgir em Arte. Artistas há que, na sua ânsia insofrida de criar novas formas de beleza, realizam obras quasi incompreensíveis pelo seu arrojo de concepção; outros que, desprezando igualmente as escolas oficiais, vão procurar à serenidade clássica, à simplicidade e singeleza de linhas a expressão do seu sentir. Qual destas correntes dominará? Estamos demasiado perto da luta para afirmá-lo com segurança.

O que notamos com frequência é alguns artistas alcançarem através de uma técnica moderna e rebelde a princípios estabelecidos, expressões que, pela sobriedade e equilíbrio, lembram os velhos modelos clássicos.

Diogo de Macedo que expôs há dias no Salão Bobone os seus 25 desenhos e 25 esculturas tende a alcançar com segurança inexcelsível a beleza clássica dos velhos escultores romanos. Nas suas vinte e cinco esculturas se verifica a sua a sua evolução nêsse sentido.

Entre o seu *São João Baptista* e *Kremhilda* há uma evolução espiritual grande. No primeiro ainda Diogo de Macedo não se encontrão definitivamente a êle próprio. A modelagem ainda não é tão firme e a obra domina o autor. No segundo é o artista que, serenamente, com uma técnica que prima pela simplicidade, molda a obra ao seu capricho. No primeiro ainda o autor traz, *malgré lui*, nos olhos e no espírito restos da influência de Rodin que tantos temperamentos transtornou pela sua influência absorvente. No segundo, quanto a nós o mais belo e perfeito trabalho da sua exposição, evidencia-se o artista senhor da sua técnica, sabendo caminhar com firmeza para um ideal mais rasgado.

*Le Pardon* é de uma beleza espiritual tocante, em que a harmonia de linhas tudo exprime sinteticamente; *Jovem romano* é talvez o ponto de partida do artista para sua forma actual; *Sarah* atinge quasi a sua forma máxima; *Eurydice* não é inferior a *Sarah*; mas a obra suprema de Diogo de Macedo é *Kremhilda*, embora passe despercebida aos olhos do profano, precisamente porque vivendo da síntese e da simplicidade não possui atavios espalhafatosos que atraíam o seu olhar.

Diogo de Macedo é um espírito requintado. O rude, o informe, o brutal, que também possuem a sua beleza, não existem na sua obra. A dor, quando a exprime pelo seu cinzel, não assume atitudes desgrena-

das. É concentrada, íntima, manifestando-se pela muda eloquência de um olhar amargurado, pela contorção de uma boca cujo grito lancinante parece quedar abafado no abismo da alma dilacerada.

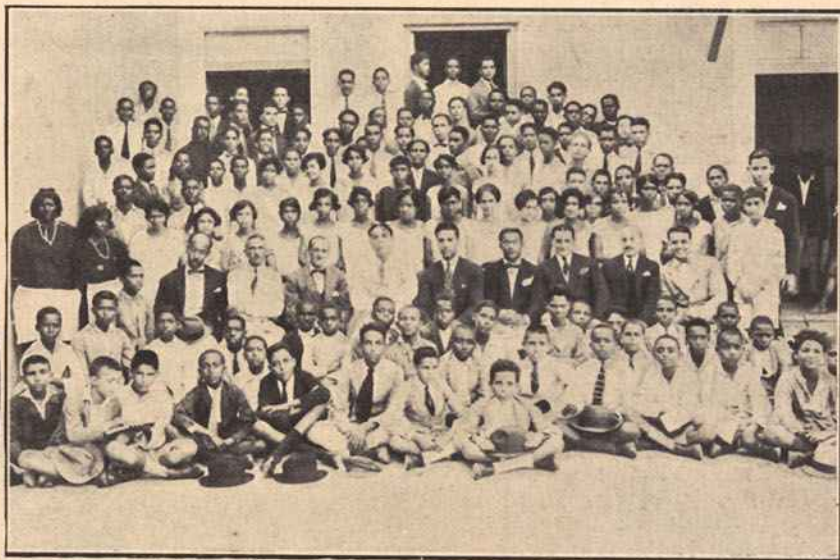
O requinte espiritual de Macedo traduz-se através do seu estilo elegante e probo. O estilo é o homem.

Embelezavam a exposição de escultura vinte e cinco desenhos, *croquis* rápidos, sintéticos, feitos quasi de um só traço, que serviam para demonstrar a facilidade que Diogo de Macedo tem em manejar o lápis. Mas êsses apontamentos interessantíssimos não seriam necessários para provar ao visitante experimentado que o artista sabe desenhar. Se não o soubesse, como alcançaria êle aquela solidez e harmonia na sua escultura? Quem não desenha bem espulpe mal. Querer fazer escultura sem saber desenhar seria como querer escrever um romance sem ter aprendido o abecedário.

M. D.



# PORTUGAL D'ALEM MAR



S. VICENTE DE CABO VERDE: — Os professores, alguns alunos e o pessoal menor da esplêndida Liceu Infante D. Henrique. — (Foto João de Mela)



NO OVAL, à esquerda: — EM ANGOLA: A missão católica de Sanguene; alguns indígenas acompanhados do missionário Padre José Baur

A ESQUERDA: — Na missão de Sanguene; os missionários junto da gruta de Nossa Senhora de Lourdes, padroeira da missão



NO OVAL, em cima: — S. Tomé: Um grupo de coloniais que assistiram a um banquete oferecido pelo agricultor sr. António Correia Valério e em que se vêem os srs. S. Guerra, J. Sousa, Carvalho, Posser, Vileira, Câmara, Carmo, Brochado, Pequeno Rebelo, Rodrigues Pereira, Anjos, Alves Costa, A. Vale, José Fino, Correia Valério e sua filha

NO OVAL, à esquerda: — Na missão de Sanguene (Angola): O irmão Schwartz depois duma caçada perigosa

FESTAS DA SEMANA DA CRIANÇA EM LOANDA. — Grupo de meninas e cavalheiros da mais distinta sociedade de Loanda, que interpretaram com grande brilho alguns quadros regionais do nosso Minho, ensaiados pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Inês da Gama Lobo Vitória

# LIVROS E

# ESCRITORES

Poesia e verso, contra o que em geral se supõe, nem sempre andam de companhia. Quantos livros em linguagem medida e rimada que nem o menor vestígio apresentam de inspiração, de sentimento poético: lomo-los, achamos alguns irrepreensivelmente escritos, mas verificamos que da sua leitura nada nos ficou a vibrar no espírito! E que, dotados do acessório, isto é, do arranjo estilístico, falta-lhes, afinal, o melhor — a poesia. Criar emoção, senti-la e transmiti-la, nisto se resume o fenómeno poético. Tudo o mais pode ser habilíssimo jogo de palavras, pode constituir um apurado labor literário — mas poesia não é. Por isso estabelecemos uma regra simplicíssima para distinguir os verdadeiros poetas dos que não passam de versejadores, mais ou menos felizes: daquela banda, aquelles cujos livros nos comovem; da de cá, os que somente nos conseguem despertar sensações e ideias artísticas.

Lemos um dia Júlio Brandão, precisamente na *Nuvem de Ouro*, que, publicada vai para quinze anos e há muito exgotada, ressurge agora, e desde essa já distante hora o seu autor firmou na nossa admiração um lugar eminente



Júlio Brandão

Raposo, seu autor, se resolveu a patentear na integra, no caso de ser levado à scena satisfaria as platéas de hoje, de gosto tão incerto, não sabemos dizer, exactamente porque nessas condições nenhum papel mais ingrato do que o de profeta na actividade teatral. O que podemos e devemos asseverar é que na simples leitura desses três actos se nos impõem como uma obra forte, colhida da vida real, agitando figuras em curvas veias corre sangue e criando por si o ambiente regional onde o conflito se desenvolve. O assunto é, em síntese, o que o próprio autor nos enuncia no prefácio do livro: a reacção moral duma familia, ferida pela dor do pecado e da desonra, a que vem sobrepôr-se, com ousadia nos movimentos da alma do chefe, o dever mais alto da defesa do sangue do seu sangue.

Mas não se certifica neste trabalho apenas um talento vigoroso de dramaturgo: nas suas páginas vincula-se também uma intelligência critica, estabelecendo com os valores que supõe exactos o problema do regionalismo na scena. Esse estudo que preenche o largo prefácio, embora nos não mereça plena concordância, sobretudo quando o autor enquadrá a questão literária no problema político, é digno de attenção, pelo seu tom sincero e independente.

Voltemos à poesia. *Rosas de Malherbe*, de Alexandre de Córdova, é também um livro de rimas que se destaca dos muitos que todos os dias vêm a lume. Dão-lhe excellência a boa escolha dos assuntos e a sua espontaneidade. Júlio Brandão, o poeta illustre a que nos referimos atrás, a abrir esta crónica, prefaciou o volume dizendo, a propósito do título da obra e do seu conteúdo, que essas *Rosas* não são as

nosso sangue vivo, ou com as nossas lágrimas... Devemos citar as composições que mais nos impressionaram: *Canção da Noite Presaça*, *O Soldado Lusitana* e *Estrofe da Pedra Bruta*. Qualquer delas transcende os acanhados horizontes do lirismo amoroso.

*Fultos, de ontem, Vultos de hoje*, o novo trabalho do sr. Cruz Magalhães, é, como logo o título denuncia, um feixe de recordações, muitas sobre gente que a morte já ceifou, outras sobre homens que ainda pertencem ao número dos vivos, uns e outros figuras de relevo nas letras, nas artes plásticas, no campo politico, na sciencia, etc. Alguns nomes dos biographados: Costa Alegre, o poeta negro; João de Dens, o divino lirico; Rafael Bordalo Pinheiro, o caricaturista tão pessoal; Emílio Navarro, Fialho de Almeida, Silva Pinto, Luís Calado Nunes, outro belo temperamento poético hoje no rol dos esquecidos, Eduardo Brazão, todos estes já dormindo sob a rama dos ciprestes, e José Malhó, Columbano, João Vaz, Carlos Reis, da fidalguia artistica portugueza, e mais Eduardo Schwalbach e outros cujos diversos talentos e virtudes ainda fulgem ao sol da vida.

Cada um destes perfis, escritos com despretenção e mesmo com graça natural, no tom de palestras, quasi sempre, senão sempre, salpicados de anedotas, revela uma qualidade muito apreciável no autor e que dia a dia se vai tornando cada vez mais rara: o prazer de admirar e dizer bem.

Mais uma boa rama de livros de versos que requerem menção: *Os Penitentes*, do sr. Jo-



Dr. Hipólito Raposo

como poeta. Esse livro ficou até sendo um dos nossos livros predilectos, em cuja busca instinctivamente a mão vai à estante, quando o espirito nos pede um banho de beleza. R de cada vez que o releemos sempre ele nos fornece uma impressão inédita, um encanto ainda mais saboreado. Alegria-nos, pois, vê-lo reimpresso, para que as modernas gerações possam aspirar, como nós há muito o fazemos, o delicioso perfume sentimental que se desprende de todos os seus carmes. Nêles se traduzem os ideais, os sonhos e os affectos duma nobre alma que abrange o universo inteiro no seu amor. Se há que louvar nêles o esmero verbal, o fulgor das imagens, a perfeição rítmica, próprias dum grande artista da palavra escrita, de cuja pena toem saído, quer na prosa quer no verso, páginas de superior relevo, — mais louvores cabem ainda à profunda humanidade dos seus temas, à sua amplitude espirital. Abra-se este livro ao acaso, em qualquer das suas duas partes: *Os Filhos* ou *Fólias ao vento*, denominação esta de timbre garretiano. Uma impressão de doçura nos percorre a cada estrofe lida, agora nos alexandrinos da poesia inicial, inspirada ao poeta pela visão plácida de scenas do seu lar, logo no *Choupo e o cedro*, que dá novidade a uma lenda popular de motivo bíblico, mais além nas redondilhas da *Fonte dos Amores*, que andam já na consagrada bôca do povo, por último, no *Lume*, que põe no fecho da obra uma claridade aleitânica. Nesta poesia encontramos mesmo uma imagem que pode aqui ficar como a mais exacta definição deste famoso livro: «fugueira pronta sempre a aquecer e a consolar na chama (como quem faz quem é bom, e como faz quem ama)».

Se *O Berço*, «drama da serra» já há alguns anos escrito e que só agora o sr. dr. Hipólito



Cruz Magalhães

quim Resende Borges, constituem uma estreia que não envergonha. A ideia medular da obra é esta: todos nós, humanos, andamos remido o pecado original cometido por Adão e Eva. O verso tem firmeza e o pensamento é bem expresso. *Sonetos*, do sr. Sidónio Miguel, onde esse difficil género não sofre atentado que nos irrita, antes bem pelo contrario. Variadissimo de motivos, o volume interessou-nos, excepto na parte final, *Diafonias*, que se resente de certa nebulosidade de elocução. Na *Curia, flor da Balçada*, do sr. Adão de Figueiredo, encontramos apreciáveis notas bucólicas, lamentavelmente misturadas com ontras de réclamo mal disfarçado aos hotéis da conhecida estância termal: a poesia ao serviço dos negócios, degenera, relaxa-se. *Amores e Sorrisos*, versos assinados por João Risonho, pela certa um pseudónimo, denunciam singular fluência na frase rimada. Há composições deversas engraçadas neste livro: *Tua Mãe* é uma delas. *Lágrimas no céu* é uma sentida elegia que o sr. Consalção Roque Monteiro, de Nova-Gôa, consagra à memória duma mulher amada. O livro I de *Or meus livros de orações* dá forma poética às preces mais usuais do catecismo católico, o padre-nosso, a ave-maria, a salve-raínda, etc. João Carlos e outros artistas illustraram esta obra do sr. João Maria Ferreira com desenhos adequados, isto é, com motivos religiosos.



Dr. Alexandre de Córdova

clássicas *rosas de Malherbe*, que breve se estiolam, mas sim hão de durar, cheias de viço e de perfume, a larga vida que difficilmente se extingue em tudo o que seja escrito com o

# «SALVÉ MACBETH, SENHOR DE CAWDOR!»

Os críticos ingleses receberam com manifestação má vontade a inovação introduzida no teatro de Shakespeare por Sir Barry Jackson... Entende este técnico de coisas da scena poderem as tragédias do grande William ser representadas com a mais moderna indumentária. E, assim, há tempos fez subir à scena o *Hamlet*, rigorosamente vestido, como qualquer de nós, de jaquetão e calças de cheviote, espíndulos chapêns de côco de Gladys e luvas de qualquer moderna sumidade em questões de luvária... Depois, não

o Rei Duncan investe o seu general na dignidade de *thane* — barão feudal — de Cawdor, visto esse título haver sido tirado ao antigo possuidor que se revoltara. Quando, porém, vão a caminho do palácio real, os dois generais ainda nada sabem a respeito da recompensa em questão, e a certa altura deparam com três bruxas que saúdam Macbeth:

— Salvé, Macbeth, senhor de Glamis!...

— Salvé Macbeth, senhor de Cawdor!...

— Salvé Macbeth, futuro Rei da Escócia!...

E dizem a Banquo que, embora ele não venha a ser rei, dele sairá uma completa linhagem de reis... Quer dizer: conhecem as desmarcadas ambições de Macbeth, a sua falta de escrúpulos e lisongem o seu espírito encorajando essas ambições. Alguns nobres que daí a pouco vão ao encontro de Macbeth saúdam este como senhor de Cawdor o que, concordando com as palavras das bruxas, mais acende os desejos do general para que se realize a terceira profecia...

O Rei Duncan recebe-o com entusiasmo e carinho e dá-lhe parte de que o irá visitar ao seu castelo de Inverness. Entretanto, o velho soberano faz Príncipe de Cumberland o filho mais velho, Malcolm, o que equivale a designá-lo como herdeiro da coroa. Sabedor disto, Macbeth conta à esposa a profecia das bruxas e, resolvido a matar o seu soberano, ordena que tudo esteja preparado no castelo para receber Duncan...

Lady Macbeth — que ama estremosamente o marido e possui uma ambição tão desmarcada como a deste — instiga-o a que assassine o Rei, enquanto este estiver a dormir. Desfaz-lhe todos os escrúpulos, incita-o, agita diante dele a visão do poderio, das grandezas... Macbeth leva por diante o seu sangrento propósito... E Lady Macbeth — que não tivera coragem para assassinar Duncan porque, diz, a figura do Rei adormecido lhe lembrava a do pai dela! — anima-se a entrar de novo no quarto do assassinado, aonde dois criados dormem a sono solto; mancha com o sangue do Rei as faces dos aludidos servidores e coloca um punhal na travessera de cada um deles... De manhã, Macduff, nobre da corte do Rei Duncan, ao entrar no quarto do soberano depára com este, assassinado. Alarme. Consternação. Macbeth acorre e mata os dois criados que, afirma, foram os autores do crime...

Malcolm e Donalbain, os filhos do Rei morto, não se sentindo seguros na Escócia, procuram asilo: o primeiro na Inglaterra e o segundo

na Irlanda, o que dá origem a que se suspeite terem conivência na morte do pai. Mas Banquo, lembrando-se da predição das feiticeiras, começa a fazer recair suspeitas sobre Macbeth. Este, deseioso de se ver livre de adversários, assassina-o também...

Porém, num banquete para o qual convidara Banquo, fingindo não saber da morte do desventurado general, Macbeth, já então soberano da Escócia, — fica surpreso e aterrado vendo surgir diante dele o espectro de Banquo que se vai sentar na cadeira do Rei... O banquete é imediatamente suspenso... Entretanto Lady Macbeth sente-se presa de remorsos horrores e cai presa do sonambulismo: tempos depois vêem-na errar de noite pelo palácio, uma das mãos segurando uma vela, e a outra estendida e trêmula... *Here's the smell of the blood still: all the perfumes of Arabia will not sweeten this little hand. Oh, oh, oh!* «Ainda, ainda cheira a sangue!... Todas as essências da Arabia jántais conseguiriam perfumar a minha mão pequena... Ai de mim! Ai de mim!...»

Entretanto Macduff, suspeitando das intenções de Macbeth a seu respeito, foge para Inglaterra, em busca de socorros militares que lhe permitam destronar o tirano. Macbeth, torturado pela dúvida, procura, nesse tempo, consultar as bruxas. E estas provocam diante dele várias aparições. A primeira, — a cabeça dum guerreiro — manda-lhe que se acantele de Macduff; a segunda, uma creancinha ensanguentada, diz-lhe que ninguém dado à luz lhe poderá fazer mal; a terceira, um menino coroado e



As três bruxas do MACBETH, desempenhadas pelas atrizes Miss Mariel Akel, Miss Joan Pereira e Miss Una O'Connor.

contente com isso, há poucos dias, apresentou nos bons cidadãos de Londres, no *Court Theater* um *Macbeth* idênticamente fornecido de guarda-roupa dos nossos dias... Macbeth envergava a farda de káki dum oficial superior dos regimentos ingleses: a esposa da célebre personagem shakespeariana umas vezes trazia vestido de recepção; outras, penteadores e roupões moderníssimos que qualquer devota das belas coisas de hoje não engeitaria... Os filhos do Rei Duncan apareceram de pijama de seda; e Ross, ao contar a Macduff o assassinato da esposa e filhos deste, envergava um traje de desporto que iria a matar a qualquer dos Jorges Vieiras deste mundo... As três bruxas, essas surgiram o mais século XX que o leitor possa imaginar...

Mas os críticos ingleses ficaram de gelo perante a inovação teatral de Sir Barry Jackson... E, não obstante, nada afiável de mais lógico, de mais racional, mesmo, do que a aludida inovação!...

É possível que, dentre os leitores, alguns não conheçam a tragédia formidavelmente bela do grande dramaturgo de Stratford-on-Avon... Macbeth, senhor de Glamis, e Banquo, senhor de Lochaber, ambos os dois generais do exército de Duncan, Rei da Escócia, voltam da guerra: Macbeth, militar valente e sabedor, desfez a rebelião de um certo Macdonwald, e derrotou também um exército que o Rei da Noruega, aproveitando-se da referida rebelião, enviara contra os escoceses. Ao saber das vitórias de Macbeth



«Fala! Fala!...»

Lady Macbeth (Mary Merral), sabendo por seu marido do assassinio do Rei Duncan, cometido por aquêle





Depois do assassinio do Rei Duncan. — Os filhos do assassinado fazendo perguntas a Macbeth (o actor Eric Mairum) e a sua esposa Lady Macbeth (Mary Merral)

com uma arvoresinha na mão, diz-lhe que não será derrotado enquanto as árvores de Birnam (uma colina não muito distante do castelo de Dunsinane, aonde Macbeth estava com a sua gente), não fôrem até à aludida Dunsinane. A última aparição consiste em oito reis, o último com um espelho na mão e seguidos todos pelo espectro de Banquo... Ao desaparecer tudo, Macbeth sabe da fuga de Macduff, assalta o castelo d'este e, temendo que ele e sua descendencia venham a ser-lhe prejudiciais, assassina-lhe a esposa, os filhinhos e toda a criadagem... Macduff, conhecedor da matança, redobra de esforços e, tendo conseguido levantar dez mil homens, aos quais se vão juntar os aldeões de Fife, — aonde Macduff tinha as suas terras, — põe-se a caminho. Ao chegar à floresta de Birnam ordena que cada um dos soldados corte um ramo de árvore, tão grande quanto possa ser, a fim de que, com ele, cada qual se esconda quando fôr a caminho e não seja visto pelos guerreiros de Macbeth... E assim logra o exército chegar sem ser descoberto junto do castelo de Macbeth. O tirano ao vêr junto dos muros aquella floresta moveliza, — predecessora em muitos séculos da *camouflage* da Grande Guerra! — recorda-se da predição das feiticeiras e desanima. Pronto, porém, recobra a coragem: as bruxas haviam-lhe predito que ninguém, dado à luz por uma mulher, poderia fazer-lhe mal... O castelo é tomado. Macbeth mata Sward, filho do conde de Northumberland, foge, e encontra-se no campo de batalha com Macduff, que ia em sua perseguição. Encurralado de perto, salta do cavalo abaixo dizendo a



Macduff (o actor Scott Sunderland) e Malcolm (Laurence Olivier), filho do Rei Duncan, sabendo por intermédio de Ross (Nigel Clarke) do assassinio de Lady Macduff, seus filhinhos e criados

Macduff que, debalde este o tentará derrubar porque, ninguém dado à luz por mulher, o pode fazer, Macduff, porém, tira-lhe logo as ilusões. «Macduff nasceu antes de tempo e foi arrancado do ventre de sua mãe!...» Macbeth sucumbe e é morto pelo adversário, que lhe corta a cabeça, mostrando-a depois às tropas. Lady Macbeth, enlouquecida definitivamente, suicida-se. E a tragédia termina pela aclamação de Malcolm como rei da Escócia.

Eis o que é a humaníssima tragédia de Shakespeare, — tão humana hoje como o fôra ontem e o será sempre. A ambição, a crueldade, o remorso, as alucinações, a crença na

feiticeira, são de todos os tempos, e tanto se manifestaram sob a cota de malha dum guerreiro ou as vestes roçagantes duma qualquer dama da Idade Média, como sob um fato do Amieiro ou um quasi vestido do Poiret, envergados pelos homens e mulheres dos tão pouco poéticos tempos em que vivemos!... Macbeth ouve nas palavras das bruxas o eco dos seus proprios pensamentos: a ambição domina-o e é como tantos que não sabem resistir. Banquo, pelo contrário, vê no que dizem as bruxas o eco da tentação e resiste: o seu ser moral é muito superior ao do seu companheiro. O Macbeth do grande dramaturgo britânico é um ser de carne e osso: na sua alma descendeia-se toda uma tempestade ao lembrar-se do crime que vai cometer: terrôres imaginários cortam-lhe o espirito em rajadas; qualquer ruído o apavora, o cheiro de tomor; consumado o assassinio do monarca, caem sobre ele os remorsos, não consegue dormir, e tem as alucinações que todos nós teríamos em caso idêntico... E o seu crime levou a outros crimes, a outras crueldades, das quais, novos terrores, outras alucinações irão surgir... A sua crença na bruxaria é tão de hoje como será talvez de sempre e, de resto, é lógica em espiritos como o seu... As aparições que as três feiticeiras provocam diante d'ele mais não são do que materializações do próprio pensamento de Macbeth, dos seus terrôres, dos seus remorsos... E, à peça em questão bem se poderia chamar a tragédia do Remorso, apresentada em toda a sua pavorosa intensidade por um psicólogo conhecedor a fundo da miséria humana... Porque, Lady Macbeth, consumado o crime do marido, é pouco a pouco esmagada pelo remorso e não tarda a ficar reduzida a um farrapo: a tensão dos nervos quebra-lhe o espirito, redu-la a uma alucinação ambulante, ao sonambulismo, à loucura e à morte. São humanas, muito humanas as duas personagens do dramaturgo inglês: são tão de ontem como de hoje, como de sempre...

São a miséria humana de todos os tempos!...

Assim, pois, a crítica inglesa foi um pouco precipitada ao acolher com frieza a inovação de Sir Barry Jackson. O tema de Shakespeare, sendo, como é, de todos os tempos, recebeu assim um falso desmentido por parte dos críticos, deslembrados daquelas tragédias de que, em nossos dias, tivemos notícia próxima. As ambições de Macbeth e sua mulher podê-las-íamos ir encontrar em mais duma figura célebre do nosso tempo... A crença no bruxedo domina hoje talvez mais do que nunca e, acima de tudo, nas altas classes. Os crimes de Macbeth, o assassinio do Rei Duncan, ficam deslocados nos dias de hoje? Mas, nota com asserto um crítico: — e o assassinio do Rei Alexandre da Sérvia e da Rainha Draga, chacinados no proprio leito pelos seus officiaes?... Inverosi-



«Todas as estâncias da Arabia não conseguiriam perfumar esta mão peçonhosa!...» O doutor (Paulo Smythe) e a nina, (Ellean Heldon), vindo passar Lady Macbeth (Mary Merral) durante o seu ataque de sonambulismo

mil, hoje, a matança operada por Macbeth no castelo de Fife e na qual fôram assassinados, por ele Lady Macduff, os seus filhinhos e a criadagem? É porque esquecemos facilmente o drama horrível de Ekaterinburgo, com os bolchevistas a assassinares toda a familia imperial: a imperatriz, as filhas, o imperador Nicolau e o tzarevitch nos braços do desventurado pai!...

Não, decididamente, os críticos ingleses não tem razão. Confesso que tanto me faria vêr o *Macbeth* com guarda-roupa antigo como com a moderna indumentária... O trecho seria de todos os tempos, as almas as de sempre. De qualquer das maneiras teríamos diante de nós a humana miséria. E essa, não é de ontem: é de todos os dias, infelizmente!...

ALVARO MAIA.

FIGURAS EXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

# LHAU MASC. DE ARAUJO

O HOMEM QUE VIVEU NA ATLANTIDA — COMO SE ASSASSINA  
 UMA CRIANÇA — NOS SERTÕES AFRICANOS — VISÕES DE VIDAS

PRÉTERITAS

Lhau Masc. de Araujo se chama êle. É um nome estranho, esquisito que se adapta ao seu detentor. Porque motivo o seu primeiro nome é Lhau, não o sabemos; o segundo — Masc. — é a abreviatura de Mascarenhas; o terceiro, o apelido, não necessita de explicação.

Os leitores certamente já o conhecem de vista. É um velho côrado, baixo, um pouco chuíto, de rosto emoldurado numa barba espessa e quasi branca, um branco sujo, que nunca foi lavado.

Lhau Masc. de Araujo diz-se naturista por motivos humanitários. E, como naturista, piedoso para com o que êle classifica de seus irmãos inferiores, não mata um insecto sequer. As pulgas e outros parasitas encontram nêle um carinhoso protector. Lhau tem bom coração, um coração que trabalha com uma regularidade matemática, um coração que não conhece sobressaltos. Tudo para o temperamento dêste homem estranho, excepcional, é normal e corrente: as grandes calamidades e os acontecimentos felizes, os ciclones devastadores e os bons raios de sol que êle adora, os belos gestos de altruismo e de bondade e as degradações mais degradantes. Nada o assombra porque tudo conhece, o que não conhece *de visu* conhece por evocação de outras vidas que êle viveu, porque, sendo teósofo e acreditando na reencarnação, Lhau afirma existir, há milhares de anos, tendo sido filósofo na Grécia e gladiador em

Roma, voador na Atlantida e bandoleiro na Idade-Média.

Assim, em uma vida pretérita, naufragou uma vez na África do Sul e, se lho pedimos, descreve-nos o naufrágio com todos os pormenores. Corre impresso um livro seu, em forma de novela, no qual êle descreve a vida



Um retrato que se tornou popular dos pitoresco Lhau Masc. de Araujo...

deliciosa que passou na Atlantida — o misterioso continente que, occulto à curiosidade de mortais vulgares, como nós, repousa no fundo do oceano.

Lhau fez de nós um dos seus mais estimados confidentes. Contou-nos muitas aventuras da sua vida — da sua vida milenária. Estamos convencidos de que êle nos per-

doará as revelações que hoje fazemos, compreendendo que a nossa indiscreção apenas pretende trazer a público uma das figuras mais curiosas da humanidade.

Há nêste homem um misto de satanismo e de santidade. A sua origem oriental (êle nasceu em Zanzibar, embora o afirmem oriundo de Cacilhas) explica o quê de misterioso que o envolve. Correu muito mundo, viveu inúmeros anos no interior de África, falando o quibundo e vários dialectos africanos com tanta propriedade como os natu-  
 rais.

É um espectáculo pleno de ineditismo o que êle nos proporciona naqueles areais imensos da Costa de Caparica, quando, saído dos desertos do continente africano, pula, brinca e dança, completamente nú, evocando scenas do sertão!

Êle adora o sertão; a África é o único continente do mundo onde, em sua opinião, se pode ser feliz. Sabem os leitores porquê? Porque não se trabalha. Lhau é um inimigo consciente e convicto do trabalho.

Dizia-nos êle uma vez:

— O trabalho avilta. O homem nasceu para ser livre na Terra livre. Com trabalho não há liberdade. Os pretos, acimados de selvagens e incultos, são mais sábios e atilados do que os civilizados. Vivem nus, ao sol, em plena natureza, que enrije o corpo e ali-geira o espirito. Comem, dormem e gozam a vida. Morrem de velhos, sem mesmo sabe-

rem quantos anos tem. Adoram o sol, o sol que fortalece o sangue, o sol que durante o sono brando, povoado de sonhos lindos, ar livre e tonificante, nos afaga a epiderme como a mão suave de uma mulher.

Lhau é um sensual. Toma banhos de sol, não apenas por inteligente medida higiênica, mas porque gosta da carícia sensual dos raios solares, porque adora os sonhos que lhe povoam a mente, durante as longas horas em que dorme, completamente nã, no seio acolhedor da natureza.

A natureza para êle não é uma mãe—é uma amante que lhe proporciona ternuras incomparáveis. Como certas amantes também já lhe tem feito algumas partidas endiabradas. Uma vez Lhau, atravessando uma quadra difícil da sua vida, para olvidar as suas amarguras, estendeu-se ao sol, como um lagarto, sobre o tellado de sua casa. Não comia nem bebia—dormia apenas. Assim se conservou quasi uma semana, esquecido de si mesmo, mergulhado em estranhos sonhos orientais. Quando o foram buscar estava sêco como um bacalhau e os dentes tinham-lhe caído todos.

Êle conta-nos êste ligeiro incidente da sua vida, rindo com gôsto, umas gargalhadas pequeninas, irritantes, que lhe são peculiares, mostrando no mesmo tempo as gengivas vermelhas e descarnadas. Agora, numa infantil vaidade de velho, inaugurou uma dentadura linda, branca, scintilante—postiça. É com essa dentadura que êle come, ruidosamente, voluptuosamente, como um suíno que chafurda, os seus legumes, as suas frutas, as suas farinhas—que muitas vezes não são suas, porque o naturista, que não come cadáveres de animais, redobra de apetite quando o convidam para jantar...

A sua moral—e a moral é que define o homem—é das mais complexas e assombrosas. Aquele velho de sessenta e quatro anos que prega a pureza e a bondade, que defende a purificação do espirito e da matéria, não pode ver passar uma mulher bonita sem que os seus olhos de gato se incendeiem em lúbricas scintilações. Este homem que não

come carne, adora a carne, junto dela as suas narinas fremem como as do *carocha* à aproximação do carapau.

Entre outras modalidades do seu carácter é célebre, mesmo pública e notória, a sua falta de ciúmes, o que faz com que nunca tivesse tido um conflito desagradável com as mulheres que de perto o conheciam.

Outro pormenor interessante da vida d'êste bipele, cujo retrato freqüentemente aparece nas revistas naturistas, defensoras do abstencionismo e da virtude. Foi êle que no-lo con-



Um antigo retrato do Lhau, evocando a sua estadia em Africa e rememorando proezas que horripilam...

tou há anos, gargalhando as suas pequeninas e irritantes gargalhadas.

—Eu nunca tinha assassinado uma pessoa. Ah! Ah! Ah! Nunca tinha assassinado uma pessoa. Uma vez, no sertão, vinha eu da caça, vi uma criança, uma pretinha linda, como um boneco, a brincar no alto de uma ribanceira. A brincar... Ah! Ah! Ah!... Era um amor de criança! Fiz pontaria e disparei a espingarda. Foi um tiro lindo! Ah! Ah! Ah! Um belo tiro! A pequenita, atingida na cabeça, rolou pela ribanceira, e ficou lá em baixo, sem um movimento. Ah! Ah! Ah! Sem um único movimento...

—E depois?—preguntámos-lhe, impres-

sionados pela scena brutal e sinistra que êle nos contava com tanta simplicidade.

Êle encolheu os ombros.

—Depois? Ficou lá... morta. Ah! Ah! Ah! Por lá ficou...

É um tipo muito curioso êste Lhau Mase, de Araujo. Fiel às suas teorias, só trabalha quando a necessidade a isso o impelê. É um mau tipógrafo, um péssimo tipógrafo.

As suas boas profissões são tôdas aquelas que não requerem energia nem implicam grandes fadigas. De quando em vez dá a volta a Portugal a pé. Parece à primeira vista uma tarefa fatigante. Sê-lo-ia para outro que não fôsse o Lhau. Êle faz as suas marchas a passo suave, descansa freqüentemente e come bem.

A profissão que êle exerce com mais habilidade é a de alcoviteiro. Se lhe pagarem é capaz de espiar os passos de uma mulher, se esta lhe oferecer mais dinheiro passará a espiar as desconfianças do marido.

Se quizessemos inventar um Lhau, escusar-nos-ia a imaginação. Êle ultrapassa as mais audaciosas fantasias. Ninguém inventaria, por exemplo, um naturista abstinente a beber aguardente fortíssima, a pontos de tombar com ataques mais ou menos epilêpticos. Pois Lhau bebeu muita aguardente e espojou-se muitas vezes em horríveis crises de nervos.

Nessa data, não sabemos se devido à influência do alcool, o abstencionista, tinha visões, visões estranhas, fantásticas, que justificava invocando teorias teosóficas.

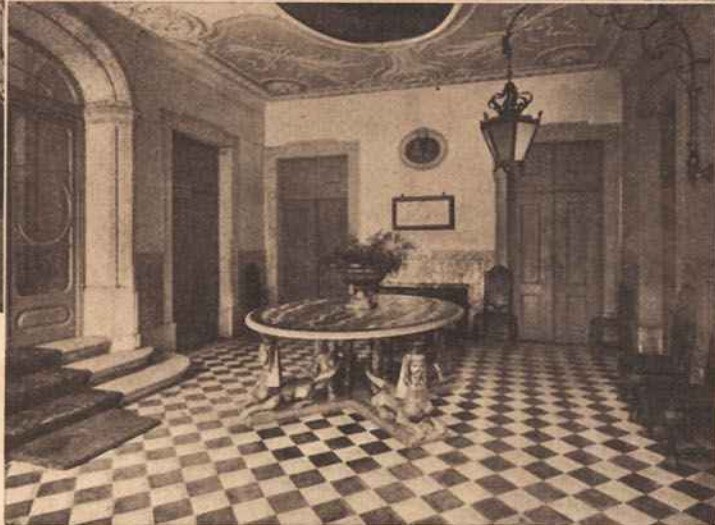
O que êle via eram *elementais*. Um dia viu um gato saltar de dentro de um baú e sumir-se numa parede de cal e areia. Viu com aqueles seus olhos luzidios que nos espreitam através dos óculos refulgentes; viu com aqueles olhos que a terra há de comer, quando seu espirito milenário, farto de aturar a sua carcassa ressequida pelos sóis, se desprender docemente para se ir reincarnar noutro corpo, ou talvez noutro animal—que Lhau supõe será um burro.

# A CASA PORTUGUESA

## PALACIO DAS LARANJEIRAS LISBOA

PROPRIEDADE DOS SRS. CONDES DE BURNAY

MENOS SIMPLES INTERIORMENTE DO QUE POR FORA, TEM O PALÁCIO VÁRIAS SALAS AIROSAMENTE DECORADAS, PRINCIPALMENTE QUANTO A ALGUNS DOS TECTOS QUE SÃO ORNADOS DE ESTUQUES E PINTURAS DE GRACIOSO DESENHO.



O MOBILIÁRIO DÁ AS DIFERENTES SALAS O MAIS FAVORÁVEL REALCE, DEVIDO AO CRITÉRIO COM QUE FOI DISPOSTO. DESDE A ENTRADA ATÉ À ÚLTIMA CASA, TODO O ARRANJO REVELA UM GÓSTO SEGURO E O SENTIMENTO PERFEITO DA HARMONIA



Afastado do mundo a ele voltava, estranho

# Cinema

## O ÚLTIMO HOMEM

Poucas vezes no cinema surge o espírito subtil em vez de farsa derrocada. Poucas vezes a ironia substitui, na tela branca, a caricatura grosseira. Mas há realizadores, aquém e além-Atlântico, que não descem às cabriolas de mau gosto quando decidem efectuar uma obra alegre, bem humorada, saudavelmente risonha.

Sem falar no génio trágico-cómico de Chaplin (ágora, ao que parece, regressando ao tipo clownesco primitivo), um artista do riso em que tudo é certo, medido, regrado, que torna nobre o esgar e arte pura a piraúta desengonçada, vemos, por vezes, na América, curiosas realizações cómicas, duma fantasia, duma noção tão perfeita do bom humor, que se tornam um verdadeiro regalo de paladares delicados, de gulosos do bom riso fresco e alegre. O mais engenhoso e bem fantasiado desses filmes é talvez a realização de William Fox, «O último homem sobre a terra» pochade burlesca que um subtítulo a clara nestas singelas palavras: «fantástica história dum mundo sem homem».

E como imaginou o argumentista a sua alegre comedieta?



Começa a história no Vale de Lomas, em 1924 e assistimos ao amor infantil do pequeno Elmer Smith pela pequenita Hattie Brown que o despreza pela sua timidez, preferindo-lhe sempre os mais audazes, os

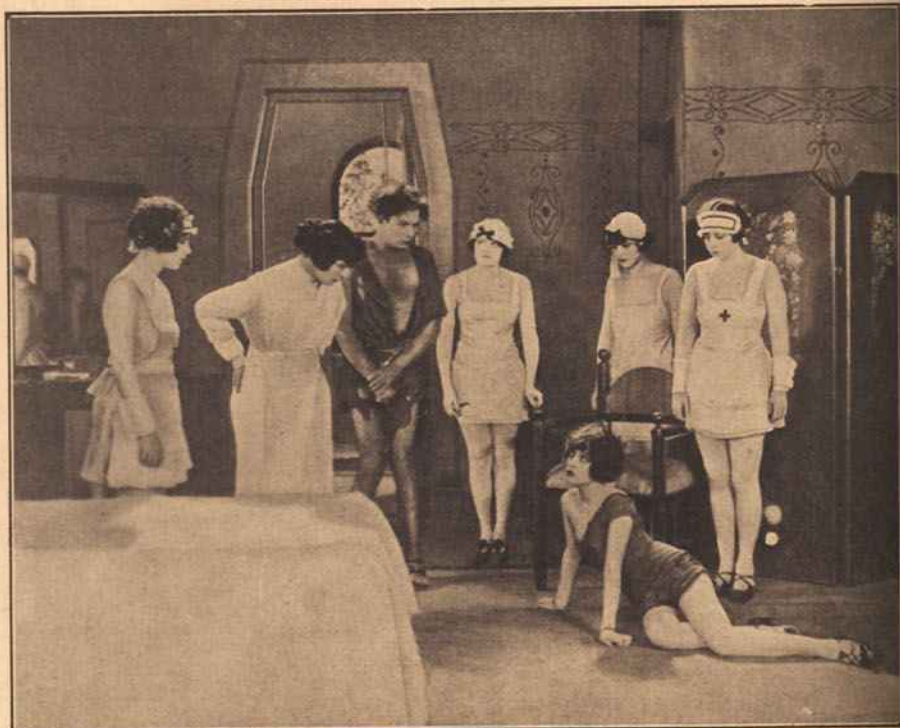
mais fortes, cobrindo-o de zombarias e até de crueldades. Depois passam rapidamente os anos e estamos em 1940. Elmer Smith é homem, um elegante rapaz e Hattie Brown é uma rapariga formosíssima. Elmer continua a adorar a sua paixão de infância mas a bela é inacessível e finge não compreender. Um amigo de Elmer consegue insuflar coragem a este e o repudiado rapaz, numa festa, dançando com Hattie, confessa-lhe que há vinte anos a ama e quer casar com ela.

— Numa gargalhada quasi ultrajante, a formosa rapariga responde-lhe:

— Nem que fosses tu o último homem existente sobre a terra!

Elmer, inteiramente desiludido, decidido a abandonar o mundo e as mulheres, embarca no seu aeroplano e vai recolher-se numa longínqua selva, disposto a converter-se em agrêste anacôrêta.

Assim passa muito tempo. Entretanto, no mundo civilizado, aparece uma terrível epidemia a «masculinitis» originada por um micróbio que só ataca os homens. E lentamente, mas com segurança, morre a população masculina de todo o mundo. Freneticamente, as mulheres tentam embargar o mal mas quando descobrem um soro immunizador é demasiadamente tarde. Ao mesmo tempo, uma exploradora arrojada vem dizer que, explorando o mundo todo, não encontrou alma masculina que valesse ao mundo de mulheres desamparadas. Mas três damas de alto topête e tão formosas como audazes, fazendo uma aterragem forçada durante certa excursão aérea, vão dar com o ermitão Elmer, perdido na selva há dez anos, sem saber que é o único homem sobre a terra. Capturam-no e trazem-no como conquista de incalculável preço. Avaliando bem o que



Foi metido numa Academia de Conservação da espécie humana...

# fotografia

## SOBRE A TERRA

possuem, as três captoras põem em leilão o raro espécimen de homem e é o próprio govêrno feminino que arremata Elmer por vinte milhões de dolares, nomeando-o patrimônio mundial, monumento nacional etc. etc. e entregando-o à doutora Lulú para que o vacine e o trate por processos que lhe garantam a mais longa existência.

Elmer, porém, é um mártir. Sendo o único homem existente é ele o único homem «conquistável» e por isso sofre o assédio tenaz de tôdas as senhoras do mundo em idade de casar e até já passadas da idade... O Senado intervem e decide outorgar a mão de Elmer à mais forte das mulheres. Organisa-se um campeonato de «box» e Elmer será entregue à vencedora. Mas quando se designa a campeã, Elmer que assiste, vê na assistência a esquiiva Hattie e saltando do seu trono grita-lhe:

— Hattie é a ti que eu quero e se tu me não quizeres, mato-me e acaba-se a espécie humana!

E tiveram que os casar. Um ano depois, Hattie dava ao mundo dois gémeos: Romulo e Remo. A raça estava salva!

Eis o hilariante argumento do filme que Lisboa admirará, como o país inteiro e que tem feito rir meio mundo. O protagonista é o elegante e jovial actor americano Earle Foxe, considerado, no mundo do cinêma, como um sucessor, digno do mestre, de Max Linder, o infortunado cómico francês. E pode imaginar-se o que sejam as scenas pitorescas d'êste filme cheio de irónico bom humor e de verdadeira graça. De resto a realização é primorosa e duma verdadeira originalidade, concorrendo às mil maravilhas para fazer realçar um argumento, já de si cheio,



A linda Hattie  
via com espanto  
a luta...

como dissemos, de fino espírito, de ineditismo e de fina crítica...



Os Films Jean de Merly preparam uma grande produção, tendo como assunto S. Luís. Intitula-se *As cruzadas* e o scenário é de Jaubert de Bénac.

François Rozet, que acaba de filmar *Madame Récamier*, acaba de ser contratado para o papel de príncipe Ali, de *La Madonne des Sleepings*, que René Hervil extrahiu do romance de Maurício Dekobre.

As três mulheres guardavam à vista o último homem existente à face do mundo...

# F E M I N I N A



NO MEDALHÃO: — Um lindo chapéu Berthe Rewe-  
neau em palha exótica azul e feltro da mesma cor,  
Fantasia em aço  
(Foto H. Manuel).

EM BAIXO: — Um modelo que é a síntese da moda  
primaveril. Vestido de tarde em crêpe da China bege  
rosado, com preguinhas feitas à mão, cheio de dis-  
tingo e simplicidade. — Criação de Cotyl — Paris  
(Foto H. Manuel)



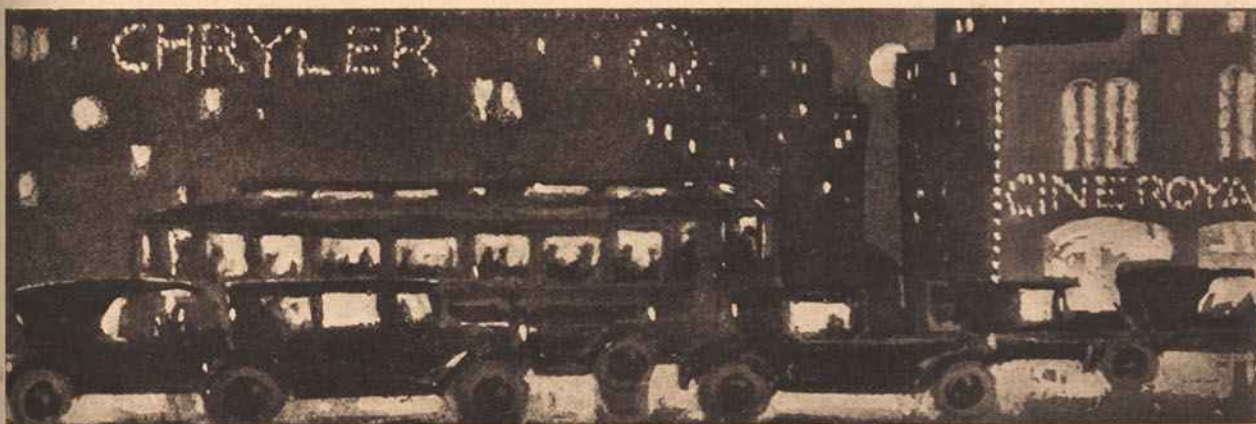
EM CIMA: — Uma silhueta  
juvenil e graciosa — Casaco de  
primavera em setim — sol cin-  
zento prata, da casa Cotyl  
(Foto H. Manuel)

À DIREITA: — Uma soberba  
capa saída de teatro em armi-  
nhos e raposa pretenda. — Cria-  
ção de Pichon Frères  
(Foto H. Manuel)

NO MEDALHÃO, à direita: —  
Chapéu em feltro negro, penas  
citrées no mesmo tom, modelo  
originalíssimo de Helena Cor-  
bett  
(Foto H. Manuel)



• • •  
Lerem e assinem VOGA, a  
grande revista feminina por-  
tuguesa, a mais bela, a mais  
cheia de interesse, a única  
que satisfaz completamente.



## O CARTAZ E O ANUNCIO LUMINOSO NA ESTÉTICA DAS CIDADES

As cidades modernas são a hipertrofia monstruosa dos antigos aglomerados. Os campos foram devorados: a paisagem atirada para longe: as populações esparsas confluíram às cosmopolis formidáveis. E a rua nas capitais, agitada pela multidão, deixou de ser um rio deslizando tranqüilo para ser uma torrente precipitando-se caudalosa... O formigueiro humano, entalado nas velhas ruínas, dilatou-as com os cotovelos, criando os largos *squares* por onde os carros passam em filas múltiplas e os *trottoirs* transformaram-se em cais por onde o transeunte marcha vendo sobre o mar da rua a navegação dos *omnibus*, dos automóveis, dos caminhões, dos eléctricos...

A rua ampla e retilínea, que Gustave Kahn no seu curioso livro *L'esthétique de la rue*, diz ter nascido duma medida de defesa política do segundo império para garantir a possibilidade de manobra da cavalaria contra as insurreições das turbas afeitas ao expediente épico das barricadas, não creio que tenha tido esta gênese deliberada. Tudo conspirava para que ela triunfasse. O urbanismo tornára-a fatal. O que não era fatal era a uniformização rígida da arquitectura e a mão cheia de cinza que o mau gosto burguês arremessou sobre as cidades desterrando o escarlate da telha e substituindo-a pela ardósia encarvoada e pelo zinco detestável... Mas contra este aburguesamento enfadonho dum século utilitário e absorventemente mercantil e industrial, reagiram as energias da imaginação e a fantasia do senso estético acalanhado. Nesta reivindicação há que reconhecer um papel à mulher que, emprestando a mais viva solidariedade às audácias dos costureiros, criadores de modas estilizadas sobre todos os modelos antigos e exóticos, reabilitou as cores postergadas, os tons banidos, o vermelho e o azul, o amarelo e o verde. A estética ur-

bana, que se fizera incolôr — cinzento e negro — anima-se, faz-se policrômica, afestôa as urbes de tonalidades fulgurantes, barioladas, rutilantes.

As cidades fazem-se babilônicas. Um *frisson* novo dá-lhes uma palpação extraordinária. Os salões, que haviam acabado com o *ancien régime*, mas que a democracia também não dispensa, ressuscitam, rez-vez da rua, e são os cafés feéricos, estrepitosos, onde os violinos e os *jazz-bands* lançam sobre a agitação e o *brouhaha* tumultuários, o in-

coercível vapôr sonôro dos andantes e a crepitação estridula dos gritos metálicos. E não são apenas os cafés: são também os *music-halls* e os *dancings* onde sobre vidros multicolors, que a electricidade irisa de efeitos vertiginosos, a sociabilidade se democratiza ao máximo na promiscuidade de tôdas as classes...

A rua não fica, porém, esteticamente petrificada: dinamisa-se e policromisa-se também. Sobre a fisionomia dos edificios vem estampar-se, chamando ineditismo de côr e de desenho, a decoração do cartaz cuja história não é possível traçar sem uma menção honrosa ao nome de Cheret, — o inovador admirável. O transeunte pára, em espírito, pelo menos: aqui uma garrafa de vinho ergue-a na mão respeitosa um devoto de face gordalhufa que sorri, nos olhos e na bôca, radiando uma alegria que vem de Baco, o deus das bebedeiras; além, sobre um fundo oirescente, um vulto esguio e diáfano de mulher, vestida de névoa, estilosa o final de acto dum drama em scena: acolá uma paisagem de minaretes recortando-se no azul ferrete dum céu oriental derrama ao voltar da esquina a sugestão aromática duma paisagem longinqua, esquisita e fascinadora abrindo o apetite para um cruzeiro mediterrâneo...

O cartaz enriquece-se de todos os tons. Os artistas apoderam-se dêle e fazem-no suntuoso e decorativo, como um fresco. As ruas enchem-se das suas fantasias e das suas cores: são as tapeçarias murais da rua moderna... Mas é pouco ainda. O gás desaparece. A sua chama azulada e fedorenta apaga-se. E a electricidade alaga a cidade toda, fulgura nas lampadas cegantes, opalina-se nos grandes globos fôscos, enche a *urbs* de claro-escuro, rembrandtisa-a, degladija-se com as pedrarias nas *vitrines* dos joalheiros, escorre nos veludos dos abafos femini-





nos, flameja na tinta dos cartazes ôere e saugue e *bleu électrique*, lambe as frontarias dos altos prélios, e, finalmente, tomando côr, tôdas as côres, metamorfofica, ondeia nos anúncios luminosos, por sôbre os telhados, na ângulo das esquinas, sôbre a fachada dos edifícios, fixa ou móvel, espectacular, caprichosa, correndo aqui em sêrpes verde marinho ou oiro venesiano, além desenhando em primores caligráficos réclamos de marcas — Buick, Citroën, Chrysler, Turmac, Zig-Zag, Studebaker, Columbia, Philipps — dando à cidade nocturna uma vida estranha, animadora, sobrenatural, que afina os sentidos, captiva de mil maneiras a sensibilidade, violando tôdas as sombras e rutilando, como um fantástico jardim de fogo, na escuridão imobilizada. O cartaz e o anúncio luminoso tem na actualidade uma função decorativa de que é já impossível abstrair quando se considera a estética das cidades. Entre nós ainda não se sente bem isto. E tanto que ainda há poucos anos um poeta sensitivo, que aliás préga elegantemente a europeização de Portugal, viu a público excomungar não os cartazes sem desenho, nem gôsto, mas os cartazes — *tout court*.

Lisboa adapta-se, porém, e está-se transfigurando. A publicidade começa a engrinaldá-la de lumes. O provinciano, que enche a cidade, olha-os atônito. Mas o lisboeta de lei põe os olhos com enlêvo nessas legendas modernistas que divulgam a certidão de óbito da velha Lisboa dos lampôes, dos na-

mos de janela, das fraldas a secar à varanda e dos conciliabulos de gatos nas ruas.

Essa certidão de óbito assinada uma ressurreição. Lisboa, aureolada, veste-se de luzes, veste-se de luz, esplende.

Esses distintos multicôres, que surgem e desaparecem, como «ties» nervosos, trespassam também as almas. Nas cidades o azul do céu é quasi inacessível: as altas edificações reduzem-no a neugas. As estrêlas — «papillons» da noite — pestanejam sonolentas sôbre o deserto dos telhados. Não importa! A electricidade acende cá em baixo, nas «vittrines» e nos ângulos das esquinas, nas fachadas e nos portais dos cinêmas e dos «stands» iluminações deslumbradoras... É a redenção! Esses arabescos têm a virtude dos exorcismos... O seu influxo moral só não atinge os caturras que fizeram voto de chorar sôbre a demolição do arco de Santo André e que ainda haveremos de ver, com uma «équipe» de arqueólogos, à frente, invocar o culto sagrado da Tradição e as graciosidades inestimáveis da côr local quando o pé descalço das varinas, dos garotos dos jornais e dos vândos da Ribeira começar a correr o risco de ser proscrito.

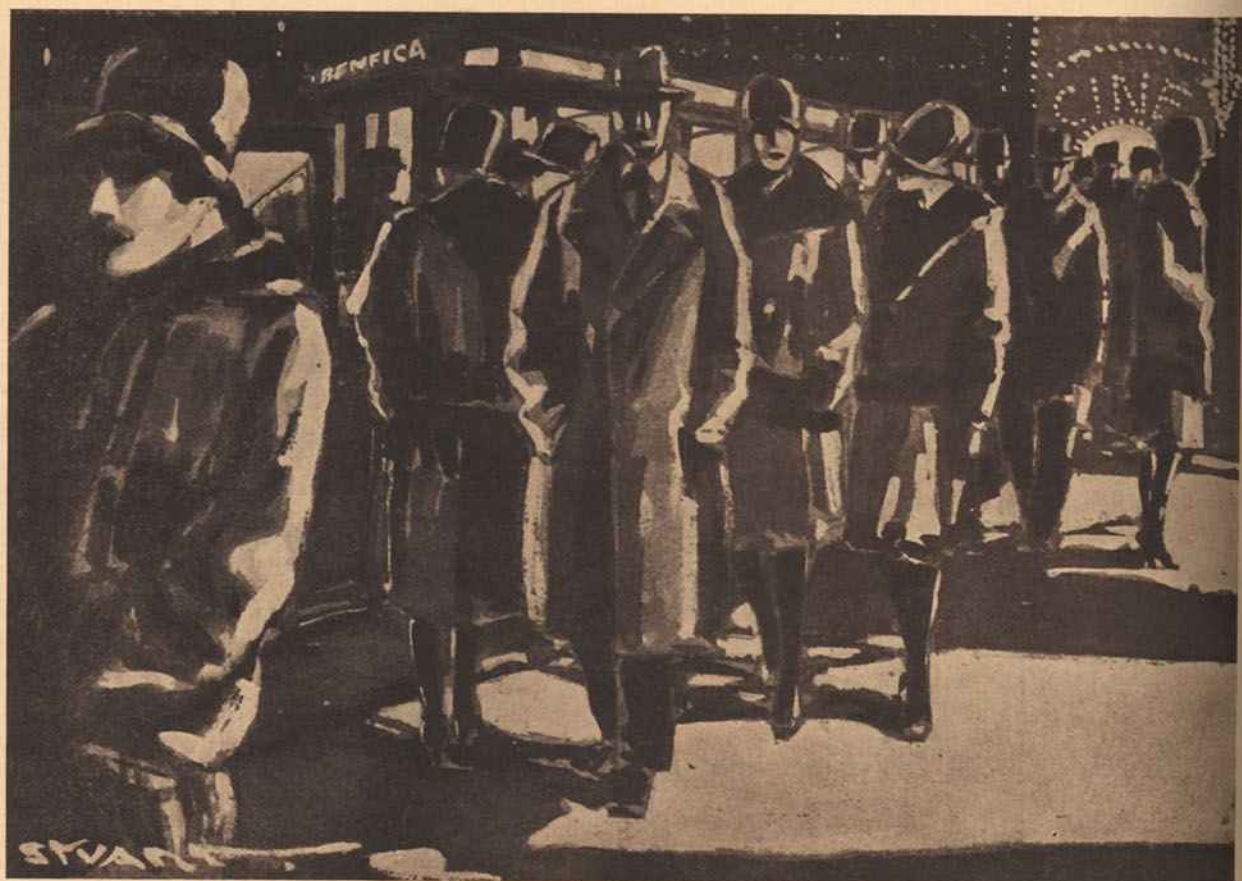
Lisboa modernisa-se. Devagar, com indecisões, mas modernisa-se. O que devemos desejar é que essa admirável «féerie» das lampadas coloridas se difunda, tome a cidade, alegrando-lhe as noites, porque a luz não é apenas uma guloseima para os olhos:

é também, e acima de tudo, um poderoso tónico dos espíritos. Uma cidade às escuras é uma necrópole hedionda. O formigueiro humano, movendo-se numa cidade afogada em escuridão, dá a sensação de larvas remexendo-se.

No campo, à noite, há a doçura inexprimível que vem do infinito oceano dos astros ou a dramatização frenética, grandiosa e desapiedada da tempestade quando o trovão retumba, a solidão se adensa sôbre as terras ermas e a chuva flagela os casebres onde o ser vivente se faz mais pequenino perante o desencadear dos elementos. Na grande cidade a comunhão com a terra e com os astros é por assim dizer interceptada pela própria fatalidade da aglomeração em que se vive: o homem, acotovelado pelo seu semelhante perde todas as disponibilidades extáticas. E a tempestade, que além, ante as montanhas, dá ao homem a compensação do patético, na grande cidade destila unicamente raiva e tédio, tristeza e tédio, uma aflicção viscosa que deprime.

A lâmpada eléctrica é contra este mal-estar o único reagente eficaz. Por isso em toda a parte, no velho e no novo mundo, a mão do homem faz com ela festões e grinaldas. A estética das capitais modernas deve-lhe muitíssimo. E à sua poderosa influência psicológica devem igualmente as populações da grande «urbs» a alegria artificial com que se amesteziam.

BOURBON E MENESES.



PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



MONUMENTO A D. JOSÉ I, NO TERREIRO DO PAÇO

(Escultura de Machado de Castro)

# ABIGAIL DE PAIVA CRUZ

É sempre agradável prestar homenagem ao talento, especialmente quando esse talento engrandece a pátria, trazendo-lhe loiros que

Pertence a esta categoria Abigail. Escultora e pintora notável, orgulho dos grandes mestres Teixeira Lopes e Marques de Olivei-

ros, erguendo templos de beleza, cantando hinos apotóticos às glórias passadas, na eurtímia encantadora do linho alvo, que passado pelas suas mãos de fada, nos transmite as vibrações rítmicas da sua alma de artista.

Abigail vai buscar aos velhos monumentos a inspiração para desenhar as suas lindas rendas. Como apóstolo dessa arte, que é tudo para ela, ci-la levando ao estrangeiro as rendas estilizadas, cânticos de infinita harmonia, em que a alma portuguesa palpita, na faustosa riqueza dos seus detalhes, como palpitam e frezem nos nossos templos manuelinos, as rendas de pedra dos lavrantes doutora.

Abigail tem hoje um lugar de destaque, que conquistou lutando e vencendo a indiferença geral.

Confirmam-se os repetidos sucessos das suas exposições em Lisboa, em Paris e actualmente em Madrid, onde obteve um êxito formidável.

Em França, Colbert, estimulou a indústria das rendas criando no castelo de Souraine um *atelier* dirigido por M.<sup>me</sup> Gilbert, conseguindo tornar conhecidas as rendas de Alençon.

Como seria interessante que os nossos estadistas tomassem o exemplo do ministro do rei Sol fundando, como êle, um *atelier*, para criar um nome às rendas de Portugal, como as de Veneza, Bruxelas, Malines, Malta e tantas outras.

Aqui fica o alvitre.

Lisboa — Março de 1928.

SARA BEIRÃO.



a nobilitam, colhidos pelos que, cortando o espaço em arrojados vôos, atingem as culminâncias do belo em grandiosas expansões de génio.

ra, revelou-se nas rendas uma inovadora de delicadíssima sensibilidade. Os seus processos, absolutamente novos, conseguiram safr vitoriosos do inextricável labirinto dos bil-

# UMA OBRA DE FÉ

Em honra de Santa Terezinha do Menino Jesus e da Sagrada Face, vai erigir-se em Lisieux, terra natal da suave carmelita, uma basílica formidável, pretendendo nas suas linhas grandiosas, condensar em símbolo a devoção enorme dos crentes de todo o mundo pela grande taumaturga. A basílica, cujo projecto reproduzimos, será erigida por subscrição pública, e aos fieis contribuintes concedeu o Soberano Pontífice a seguinte preciosa bênção:

*«De todo o coração abençoamos todos os contribuintes para a realização do projecto de uma basílica dedicada a Santa Tereza do Menino Jesus, em Lisieux e rogamos à nossa querida santinha se digne reservar-lhes as suas rosas mais belas, fazendo votos por que a nova basílica esteja de alguma sorte em proporção com as virtudes, glória e virtude bem-fazeja da santa, como também com o número fé, e reconhecimento dos peregrinos, que vindos de toda a parte all acudirão para se edificar, imploiar graças e agradecer os benefícios já recebidos.»*

Pio P. P. XI.

O fervor católico que se nota no mundo contemporâneo, a devoção muito particular que aureola a santa figura da carmelita de Lisieux, são seguro penhor de que a magestosa basílica será dentro em breve uma realidade.

O Reverendo Padre Marques Soares acaba de editar o seu «Hino de Portugal a Santa Terezinha», numa formosa pagela, onde se admira no frontispício uma encantadora imagem de Santa Tereza, a Padroeira oficial das missões de Portugal, emoldurada por uma linda iluminura, desenho e autor do projecto do relicário manuelino de Santa Tereza, o sr. Luís Cardoso, que,



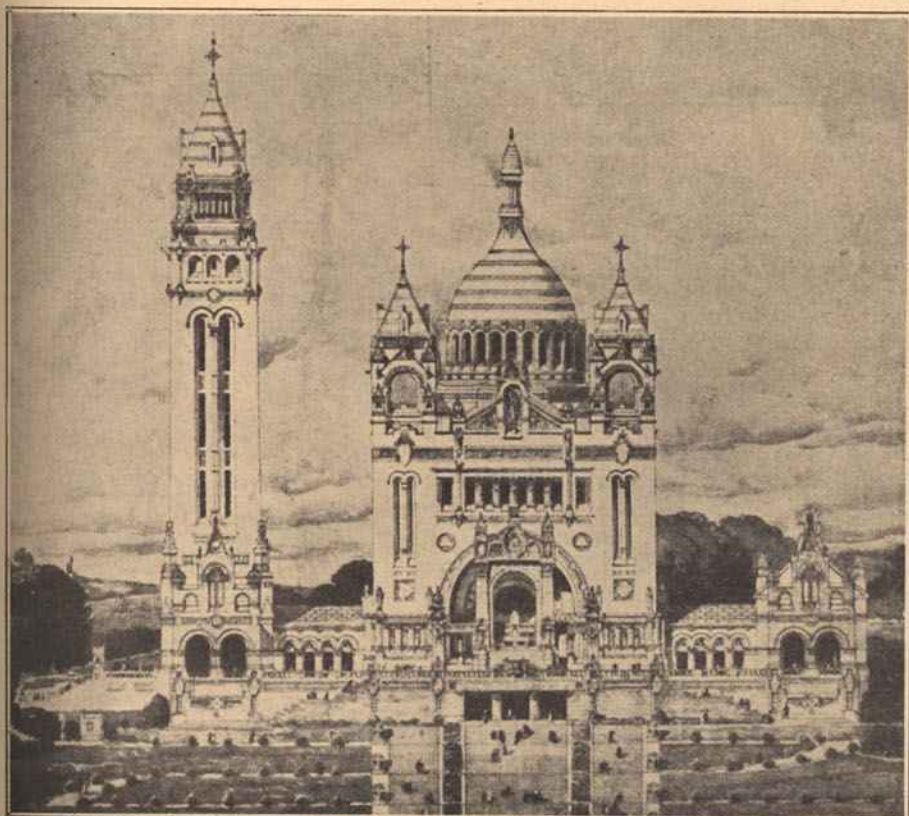
Frontispício da pagela a Santa Terezinha do Menino Jesus (Reprodução vedada e propriedade do R.º Padre Marques Soares)

mais uma vez, soube apropriar-se com delicadeza e talento dos pitorescos motivos manuelinos para enquadrar num desenho felicíssimo a suave figura da carmelita canonisada.

O mesmo ilustre sacerdote encarga-se de receber donativos para a Basílica de Santa Terezinha e de os remeter para Lisieux.

Assim, dum milagre da fé surge um milagre novo de beleza, brotando como uma préce, na pequena localidade de Lisieux tão magestosa basílica com suas torres demandando fervorosamente os céus. Fazemos votos, nós, os portugueses, de que também em breve e com o mesmo fervor comecem os trabalhos para conseguir em Fátima a imponente basílica que ali se projecta erguer e onde os peregrinos acorram todos os anos a orar à milagrosa Virgem.

O projecto da basílica a erguer em Lisieux.



# VIDA SCIENTÍFICA

De 1920 a 1922, o navio *Dana* fez uma série de explorações no Norte do Atlântico e no Golfo do Panamá, sob a direcção do Dr. John Schmidt. Foram apanhados, nessas explorações, uns 220 exemplares adultos, além de certo número de larvas e de indivíduos post-larvares, de uns curiosos peixes da sub-ordem dos Ceratioidados, muito pouco conhecidos até então. Esses exempla-

## AS MARAVILHAS DO MAR

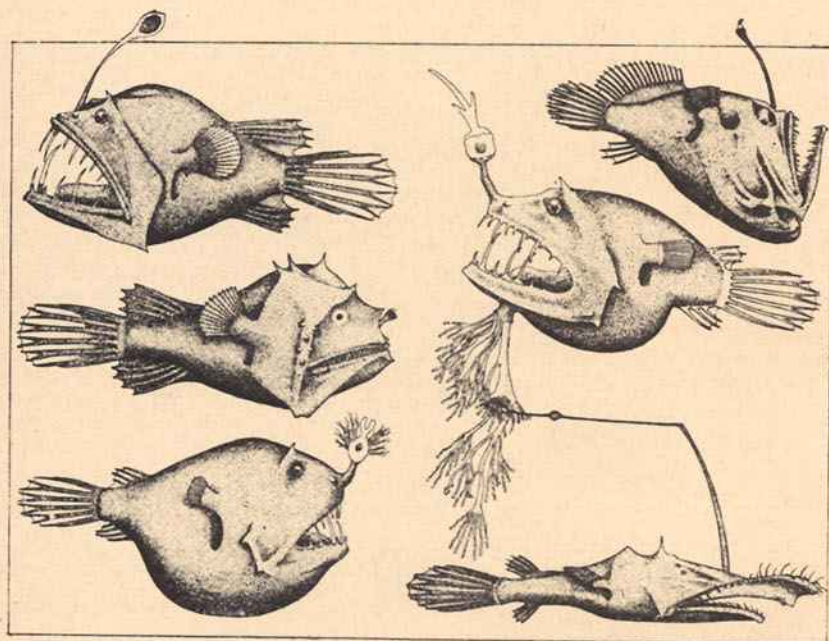
ventura, acção coadjuvante do mudo luminoso em atrair a presa.

São variáveis o comprimento e a forma do ilício. Em alguns peixes o saco glandular é

Há espécies com curiosas particularidades, como se podem ver nas figuras extraídas da publicação do sábio inglês. Assim, o *Neoceratias* tem dentes até por fora da bôca, mesmo no alto da cabeça; o *Gigantactis* tem um filamento mais longo que o dôbro do comprimento de todo o peixe. Mas o que há de mais interessante nestes animais das profundidades atlânticas são as diferenças entre machos e fêmeas e o modo como vivem aqueles em relação a estas.

Notou Tate Regan que todos os peixes capturados eram fêmeas, mas que quatro de entre estas tinham machos colados nos flancos. Estes, são de muito menores dimensões. Uma fêmea de *Photocorynus*, de 62 milímetros de comprimento, trazia apenso um macho que apenas media 10 milímetros; uma outra de *Ceratias*, do comprimento de um metro, possuía um macho de 105 milímetros. São, pois, anões, esses machos, tendo a forma das fêmeas, mas sem dentes, sem filamento pescador, sem raios dorsais, sem espinhos na cabeça. O seu tubo digestivo é muito reduzido e a cavidade abdominal é quasi somente occupada por uma enorme glândula sexual. Parece que não tem capacidade para viver livremente. São parasitas das fêmeas. Quando encontram uma fêmea, ao fim do seu estado post-larvar, colam-se a ela e vivem como seus escravos, apenas destinados à função reproductora. Os outros morrem.

Há muitas espécies animais em que a hegemonia pertence ao sexo feminino, às vezes manifestada colectivamente, quando os animais formam sociedades, como as abelhas, outras, como nos ceratioidados, evidenciando-se em cada casal. Assim, o seu modo de viver se distingue da vida humana, em que



Alguns Ceratioidados. — De cima para baixo, à esquerda: *Acentrophrys longidens*, *Photocorynus spiniceps*, *Borophrys abogon* (tamanho natural). À direita: *Melanocetus polyactis*, *Limnophrys arborifer*, *Lasiognathus zaccostoma*

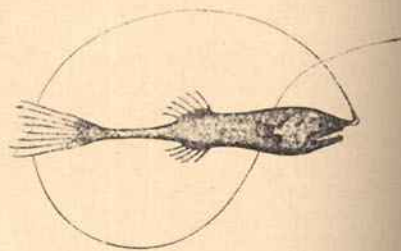
res foram entregues para estudo a Tate Regan, especialista do muscu britânico, que sobre eles publicou, há pouco mais de um ano, uma elucidativa memória.

Trata-se de animais vivendo a profundidades de 500 a 1:500 metros, caracterizados, como outros pertencendo à mesma ordem dos Pediculados, por ser composta, a sua primeira barbatana dorsal, de alguns raios longos e flexíveis, o primeiro dos quais, chamado ilício, colocado no vértice da cabeça, serve de elemento pescador.

Nos Ceratioidados, o filamento pescador termina por uma dilatação luminosa constituída por um saco glandular. Na parte posterior desta glândula há um revestimento de substância pigmentar, que actua como reflector, envolto por uma membrana transparente, furada no centro. Por esse poro sai o mudo fosforescente. Em certas espécies de peixes da mesma sub-ordem, há, em torno do saco glandular, vegetações, que tem, por

directamente aposto à cabeça, sem pedúnculo; em outros existe esse pedúnculo, tão longo que excede o comprimento total do peixe. As vezes articula-se sobre um osso comprido, móvel, que o liga à cabeça. Pode então imitar a cana de pesca com todos os seus pertences, como no *Lasiognathus*: o osso representa a parte rígida, isto é, a cana; o filamento é a linha, e, na sua extremidade, o saco glandular fica disposto como o anzol com o respectivo isco.

Estes peixes alimentam-se, em geral, de outros peixes. Todos possuem uma grande bôca com três ordens de dentes dispostos por tal forma que podem dobrar-se para a parte de dentro, mas não para fora. Mercê desta disposição, a presa que lhes chegue à bôca é facilmente levada para o estômago; mas é impossível que volte para fora. Esse estômago pode receber presas de grandes dimensões, maiores que as do próprio peixe a que pertence, porque é muito extensível.



*Gigantactis macromeme*

tem sido consideradas, como próprias do sexo masculino, as mais elevadas e as mais penosas funções sociais, ficando principalmente a cargo das mulheres o que mais directamente se prende com a conservação da espécie.

F. MIRA.



# OS NOSSOS ARTISTAS

(DESENHOS DE BOTELHO)

## PALMIRA BASTOS

Quando eu saí de Lisboa, para a conquista da glória, chamada pela desventura, deixei Palmira Bastos triunfando na sua primeira tentativa de teatro declamado, depois de haver brilhado como astro de primeira grandeza na opereta e na revista.

Mas os seus laureis nesse género que ela preferia já, cheia de aspirações irrequietas, não eram ainda os laureis viçosos da conquista definitiva e indiscutível.

O público aceitava-a, no teatro Nacional, ainda então o D. Maria de inolvidáveis e

Por isso, quando voltei de novo, foi ela a mais agradável confirmação que meus olhos viram de que a arte dramática em Portugal tinha ainda quem a amparasse no seu antigo esplendor.

Foi na *Idade de amar* que a vi então, e me senti subjugada pelo seu belo poder de exteriorização e pelo sentimento que ela dava a essa mulher, que já no ontano da vida queria segurar o amor.

Além de todos os requisitos de ordem espiritual, que fazem dela uma encantadora interprete de todos os géneros de teatro, Palmira, pela sua figura elegantíssima e pelo seu *chic* natural, é a mais decorativa das nossas atrizes. Só ela, enche o palco e o anima, como um cartaz vivo.

Depois, Alexandre, com essa ânsia de movimento que apoquentas os grandes artistas, foi-se de aqui para expandir em mais largos horizontes a sua intelligencia criadora.

E o Brasil recebeu-o de braços abertos, como a um hospede dilecto, e já o tinha perfilhado, quando êle cheio de saúdaes mal contidas voltou, como o filho pródigo, à terra-mãe.

E aí o temos triunfando de novo em nossos palcos.

O tempo, o ladrão impiedoso, roubou-lhe um pouco da sua linha esguia, pôs no seu



## ALEXANDRE DE AZEVEDO

Uns olhos azuis num rôsto insinuante, uma figura distinta e um pouco altiva, dessa altivez de raça que vem do sangue ou do talento, muito amavel e fino em seu falar, era assim Alexandre de Azevedo, quando, ao lado dos Rosas e Brazão, começaram aguçando a curiosidade alfacinha em certos papéis de galã que iam a matar ao seu feitiço pessoal e artístico.

O público interessou-se logo por êsse rapaz de uma linha elegante, que tão bem sabia dizer palavras de amor, que quasi pareciam coisa sua, de tal maneira as animava de sinceridade e convicção.

Alexandre fez estragos nos corações das portuguezinhas românticas com os seus olhares languidos e a sua voz de inflexões apaixonadas, que faziam d'êle o amoroso ideal, arrancado a uma página de Alexandre Dumas. Era o romântico por excelência.

E podem calcular de que força seria a sua influencia em corações portuguezes, sabendo-se que em Portugal o romantismo tem fundas raizes, e tão fundas, que na época do jazz-band e do charleston ainda elas nos sugam a alma...



saídas recordações, e aceitava-a gostosamente, francamente amável e deliciado, mas como um pai carinhoso e esperançado que vê em seu filho, ainda risonha promessa apenas, o estofo de um vencedor.

E não se enganou o público, como quasi nunca se engana, nas suas previsões, a não ser, quando lhe atiram com punhados de poeira dourada, que êle toma por ouro de lei, momentaneamente deslumbrado.

Mas tal não era o caso de Palmira, porque ela tinha brilho interior e tinha garra.

olhar o reflexo das desilusões que a todos nós esperam nas curvas do caminho, arramando ciladas à nossa boa fé e à nossa alegria de viver.

Mas não conseguiu apagar nem velar sequer essa luz que o ilumina e que segue deslumbrando-nos em cambiantes diversos, em cada personagem que traz a ribalta, essa luz que nenhum sôpro atinge, essa luz que vem de dentro...

MERCEDES BLASCO.

Marília tinha da vida concepções abstractas, ideais, esquisitadas vagamente sobre o Infinito. Seus pais eram ricos, muito ricos, — eram um livro de cheques gigantesco; e haviam decorado sua infância com vãos illuminuras, com sonhos dourados de cartão. Fôra crescendo, fôra-se formando, em ambientes mórbidos, em ambientes em que os moldes clássicos da vida haviam sido recolhidos na redoma dos museus, — e em que a liberdade governava em ditadura, em ditadura livre. Sua vontade era para ela um volante destrambelhado e fantasista, que o capricho dirigia; sua consciência semelhava um invólucro enorme, forrado a cor de rosa, dentro do qual se abrigassem todos os seus actos...

Lera romances, muitos romances, e habituara-se a ver o amor como a razão máxima da vida — e habituara-se a ver a vida como a matéria prima do amor. Sua mãe ajudara-a a cimentar estas ideias falando-lhe de suas histórias sentimentais, das de suas amigas, das de todo o mundo, — encarecendo-lhes os prazeres imaginários e ocultando por sistema seu reverso grotesco ou doloroso. E Marília, individualista já por natureza, consolidou seus instintos de antropófaga moral — e jurou baixinho a si mesma que seu repasto favorito seria o coração alheio. E, inconscientemente, levantou ao deus *Ego* um grande altar, prestou-lhe um culto pagão, de oriental, — e deu-lhe por evangelho e por doutrina o dogmatismo do amor...

Uma legião de candidatas visitou e gemflorexório de Marília. Ela foi-os observando lentamente, com meticulosidades de anatomista, — e, durante largo tempo, o músculo cordiforme permaneceu indiferente: sua marcha manteve-se regular, inalterável, como a dum bom relógio.

Por fim, um dia, Marília amou, fle tinha um nome banal e uma posição mediocre, — mas parecia bom rapaz... Os pais opuseram-se a princípio, com razões, com argumentos, — mas ela defendeu-se: Luís nada tinha de atacável, — e ela amava-o, e ele amava-a... Era preciso adquiri-lo — como se adquire um boião chinês, como se compra um cão de luxo... Os pais cederam: que se lhe havia de fazer? E Marília triunfou: Luís seria, pois, o supremo sacerdote de *Ego* vencedor trajando de Cupido...

Como todas as paixões, a paixão de Luís e de Marília teve um termo, teve um fim. Marília zangou-se, bateu o pé. Então o amor era aquilo — só aquilo? Então o amor era apenas um castelo encantado inconsistente, que ruía ao fim de meses? Era única e simplesmente um vestido que passa de moda, que dura só uma estação? E deus *Ego*? — havia de ser condenado ao degredo, às galés da vida? Não: era impossível! E uma ideia luminosa despontou em sua mente: se o amor pudesse renascer? Sim, se se pudesse reconstruir o mágico castelo ou fazer outro vestido? Se se pudesse?... E esta ideia tornou-se para ela uma obsessão — um silvo interminável.

Foi então que conhecer Rodrigo de Noronha. Era um rapaz alto e magro, de olhos brilhantes, de boca rasgada, varonil. Fôra Luís que lho



# BOLECHEVISMO DO AMOR

POR FERNANDO DE PAMPLONA • ilustrações de KOVLO

apresentara. Simpatizaram. Dias depois, Rodrigo procurou Luís em sua casa e, na ausência d'ele, foi recebido por Marília. Conversaram quasi uma hora e seus olhares, suas palavras iam rapidamente carregando as pillas fortes do desejo. Quando chegou Luís, um estranho arripio os percorreu — e seus olhares encontraram-se num fundo pavor de cúmplices, de contrabandistas descobertos. Entre elles, existia já o laço imaterial, mas indestrutível, que liga aqueles que pactuaram moralmente, que se beijaram a sonhar.

Um mês depois, eram amantes. Marília tinha, enfim, conseguido renovar sua ilusão — a ilusão de sua natureza doente, intoxicada! E, desta vez, o prazer prolongar-se-ia mais, porque era ilegítimo, porque era proibido, porque quasi incarnava a própria alma do amor, — revolucionária e anarquista.

Rodrigo abrangia a grandeza do seu erro, mas não era bastante forte para se vencer. Naquele momento, renunciar a Marília equivalia para elle a renunciar à vida, — a entrar num monastério... E punha então sobre a consciência um carapau enorme, um barrete de dormir...

Marília, pelo contrário, não se julgava ré de qualquer falta. Não. Fizera tudo por amor — e nela a ideia de amor baralhava-se com a ideia de vida, confundia-se com a de consciência... A sua ligação com Rodrigo era análoga à que tivera com Luís, — era um segundo casamento, um casamento sem notário... Amara, pecara por amor: logo... não pecara! E, contente, absolvia-se.

Tal era o drama da consciência de Rodrigo; — tal era a farça da consciência de Marília.

E surgiu então a ameaça de sempre — a ameaça eterna. Um velho banqueiro, perverso e barrigudo, gostara de Marília, — fôra sacudido por uma paixão brutal, de estranha violência. O acaso colocara-lhe entre as mãos as provas materiais da culposa ligação — e elle, dirigindo-se a Marília, exigiu-lhe imperativamente aquilo que dantes supplicara. Ela teve medo, muito medo — e disse a Rodrigo o seu terror. Rodrigo estremeceu: estava em face de occultas baterias, de baterias vingadoras, que iam fuzilar a sua honra e a honra de Marília!

Uma forte interrogação o agitou: que fazer?

Marília entregara-lhe o seu amor, a sua vida. Entregara-lhe ainda a sua honra, como as nações se entregam à força vigilante dum exército. Cumpria-lhe a defesa. Era elle o grande culpado: daquela falta: ela fôra apenas um automático das taras do amor. Todas as mulheres que casam em estrita obediência ao coração veem mais tarde logicamente a ter amantes na humana ânsia de ressuscitar a vida morta; — e as que os não tem, é só por cobardia... Sim: o culpado era elle — só elle! Logo, devia ser também a solução do problema.

E, no negro silêncio da noite, um tiro soou, — e o velho banqueiro, que ambitionara a posse de Marília, caiu por terra, moribundo, sob o peso duma anónima sentença.

No dia seguinte, Rodrigo apresentou-se ante Marília calmo, muito calmo. Em sua volta, porém, a serenidade estática das coisas parecia exibir um semblante de tragédia. E as palavras caíam surdamente, como marteladas secas, de casa mortuária.

— Viste os jornais?...  
— Vi. Mataram-no!  
— Sim; matei-o!  
— Tu?! Não é possível!...  
— Matei-o! Matei-o, porque te devia aquela morte como se deve uma conta de milhões...  
— Qual conta?! A conta do meu... do nosso amor?...  
— Não: a conta da minha, da tua honra ao pecado do amor! E agora... adeus!  
E partiru — para sempre.

A morte do banqueiro ficou envolta no fluido opaco do mistério, — ficou sem o rótulo duma assinatura, como os livros offícios de notaria. Rodrigo, porém, sentiu o remorso, sentiu uma occulta garra a estrangulá-lo — e, durante eternidades, sua alma teve febre, muita febre...

Marília guardou a atitude de espoliada paciente, de pequena vítima dum pequeno furto. Haviam-lhe roubado o seu Rodrigo! Mas... conformou-se — conformou-se inteiramente. O mundo era de todos e ela poderia à vontade escolher a sua parte, — escolher outro Rodrigo...

Era a sua fase derradeira: como todas as sentimentais, tornara-se por fim bolchevista — uma bolchevista do amor...

# ATLANTIDA

## ROMANCE

de PIERRE BENOIT  
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)



A atmosfera suave e húmida adormeceu-me os nervos.

«Diabos levem a Atlântida, e o hipogeu, e o sr. Le Mesge—tive ainda forças de pensar. E adormeci no banho. Quando abri os olhos, o ponteiro pequeno ia quasi no Touro. Diante de mim, com as mãos negras na borda da banheira, estava um grande preto, de cara descoberta, braços nus, fronte apertada num turbante côr de laranja. Estava a olhar para mim, com um riso silencioso que mostrava todos os seus dentes muito brancos.

—Quem diabo vem ainda a ser este original?

O preto riu-se mais, deitou-me a mão e levou-me como uma pena para fora da água perfumada, que ficava agora de uma côr em que não quero insistir.

Num abrir e fechar de olhos, encontrei-me estendido numa mesa de mármore inclinada. E o preto desatou a dar-me massagens com toda a força.

—Ó animal, vai mais devagar!

O massagista não respondeu; desatou a tir e a esfregar com mais força.

—De que terra és tu? Do Kaném, do Borku? Tu ris muito para seres targui.

O mesmo silêncio.

Este negro era tão mudo, como amigo de tir.

«Tanto se me dá como se me deu—pensei—a pesar de tudo, ainda é mais simpático que o tal sr. Le Mesge e toda a sua erudição de pesadêlo. Oh! senhores, que belo recruta que ele dava para a casa de banhos da rua dos Mathurins.»

—Um cigarro, Sidi.

E sem esperar resposta, o preto meteu-me na boca um cigarro, acendeu-o e pôs-se outra vez a esfregar-me por todos os lados.

«Fala pouco, mas é amável, pensei. E atirei-lhe uma bafurada de fumo à cara.

Pareceu ter gostado imensamente da graça e logo manifestou o seu contentamento dando-me grandes palmadas.

Quando calculou que a sova bastava, foi buscar um boiãozinho e ungiu-me com uma pasta côr de rosa.

Desapareceu a fadiga; os músculos ficaram bem dispostos e elásticos.

Ouviu-se uma pancada num timbre de bronze.

O massagista desapareceu e entrou uma preta velha, encarquilhada, coberta com tecidos berrantes e pretenciosos. Falava pelos cotovelos, mas ao princípio não percebi pata-vina das histórias que ela ia desfiando, sem descanso, enquanto me pulia as unhas das mãos e dos pés, fazendo mil caretas.

Ouviu-se outra vez a campainha.

E a velha foi substituída por outro preto, grave, vestido de branco, com um barretinho de malha de algodão, na cabeça comprida.

Era o barbeiro que me cortou os cabelos com prodigiosa destreza, e muito bem cortados, palavra!

Depois, sem perguntar se eu não gostava mais desta ou daquela forma, rapon-me a barba e o bigode.

Contemplei com prazer, no grande espelho, a reaparição da minha cara.

Antífona parece que gosta do género americano, pensei. Que afronta à memória de Neptuno seu avô!...

Entrou o preto alegre, pôs um embrulho sobre o divan e o barbeiro eclipsou-se.

Verifiquei admirado que o embrulho, cuidadosamente aberto pelo meu novo criado de quarto, tinha um fardamento completo de flanela branca igualzinha aos que os oficiais franceses da Argélia usam no verão. A calça parecia feita por medida. O dôlman não tinha um defeito e, para maior espanto, trazia até os dois galões dourados, distintivo da minha patente, presos de cada lado das mangas, por duas presilhas.

Para calçar, trazia-me um par de pantufas altas de marroquim vermelho, debruado de ouro. A roupa branca, toda de seda, parecia ter vindo directamente da Rua de la Paix.

«O jantar era uma delícia!—murmurei, vindo-me ao espelho, com satisfação.—E esta vivenda está muito bem governada; mas o pior é o resto.

Estremeci ao recordar-me, pela primeira vez, da sala de mármore vermelho.

O relógio deu quatro e meia. Bateram à porta.

O grande targui branco, que me tinha trazido, apareceu à entrada. Entrou, tocou-me novamente no braço, e fez um sinal. Fui atrás dêle. Percorremos também desta vez compridos corredores. Eu ia perturbado, mas a água tinha-me dado certo desembaraço. E uma curiosidade, maior do que queria reconhecer, ia crescendo dentro de mim. Se me tivessem proposto levarem-me imediatamente





para a planície branca de Shikh-Slab, tê-lo-ia aceitado? Creio que não.

Tentei censurar-me por sentir tal curiosidade. Pensei em Mailléfen.

Também êle seguiu pelo mesmo corredor que eu vou seguindo. E agora está lá em baixo, na sala de mármore vermelho.

Bruscamente, como se um bólido me caísse em cima, fui empurrado e atirado ao chão.

O corredor estava escuríssimo; não consegui ver nada. Ouvi apenas um bramido zombeteiro.

O targui branco tinha-se afastado para o lado, e encostado à muralha.

— Bom — murmurei pondo-me em pé. — Lá começa o diabo a fazer das suas.

Continuava a caminhar. A luz das lâmparinas cor de rosa ia sendo substituída por outra. Chegámos diante de uma grande porta de bronze, tôla recortada a capricho com rendas luminosas.

Ouviu-se um timbre, os batentes abriram-se de par em par. O targui ficou no corredor e fechou-os sobre mim. Dei alguns passos na sala e quelei imóvel, levando as mãos aos olhos. Habitado como estava a não ver há muitas horas senão luzes artificiais desvanecidas, fiquei cego pelo azul. A luz do dia entrava à larga por uma parede inteira da grande sala. Ficava na parte inferior desta montanha, mais ensarilhada com galerias e corredores que uma pirâmide egípcia. Parecia continuar o jardim que eu tinha visto de manhã das varandas da biblioteca. A transição era insensível. Havia tapetes de baixo das palmeiras do jardim e voavam pássaros na floresta de colunas da sala. O contraste tornava obscuros os sítios em que a luz do oásis não batia directamente. O sol poente por detrás da montanha coloria vivamente as pedrinhas das âleas e dava uma cor vermelha sangrenta ao flamingo hierático, que estava à beira do lago azul profundo, com uma pata encolhida.

De repente atiraram-me ao chão pela segunda vez. Caí-me nos ombros uma pesada massa, e senti no pescoço, um contacto sedoso acompanhado dum sopro muito quente. E o nível zombeteiro que no corredor me perturbava, tornou a ouvir-se. Ao acaso, dei uma volta, desembaracei-me e atirei um bom pontapé na direcção do assaltante.

Ouviu-se outra vez o nível, mas agora era de dor e de cólera.

Responden-lhe uma grande gargalhada. Levantei a cabeça furioso, à procura do insolente para lhe pedir satisfações. E o meu olhar parou; Antínea estava diante de mim.

Na parte menos iluminada da sala, de baixo de uma cúpula artificialmente luminosa, com a claridade verde-malva de doze vitrais mirríneos, em cima dum monte de almofadas furta-côres e de tapetes da Pérsia brancos, estavam deitadas quatro mulheres.

Reconheci, nas três primeiras, mulheres tuaregues, de beleza esplêndida e regular, vestidas de magníficas túnicas de seda branca, bordadas a ouro. A quarta, quasi pretinha, era a mais nova, e a sua túnica de seda vermelha fazia sobressair o sombrio da pele do rosto, dos braços e dos pés descalços.

Estavam em volta de uma espécie de tórre de tapetes brancos, coberta com uma pele gigantesca de lã, em que Antínea estava deitada. Antínea! Tôdas as vezes que tornei a vê-la, duvidei de ter olhado bem para ela,

naquela ocasião, perturbado como fiquei! Tanto aumentava sempre a sua beleza, de cada vez que eu a via!

Beleza! Pobre palavra! Pobre língua! Mas será culpa da língua ou dos que profanam uma palavra assim?

Não se podia estar diante dessa mulher sem acudir à memória aquela por quem Ephraeten sujeitou o Atlas, por quem Sapor usurpou o sceptro das Osimândins, por quem Mamilo subjugou Susa e Têntiris, por quem Marco António fugiu...

*O tremblant cœur humain, si jamais tu vibras, C'est dans l'étreinte altière et chaude de ses bras.*

Sobre os cabelos de negro azul, caía-lhe o *Klaff* dos egípcios, cujas pontas de ouro chegavam até às ancas delgadas.

Em volta da frontezinha arqueada e voluntária, enrolava-se o ureu de ouro, com



olhos de esmeralda, mostrando por cima da cabeça dela a língua de rubis.

Vestia uma túnica preta, tôda bordada a ouro, leve, larga, sujeita por uma faixa de musselina branca com iris bordada a pérolas pretas.

E como vinha a ser Antínea, neste traje feiticeiro? Uma rapariguinha delicada com grandes olhos verdes e perfil de gavião. Um adônis mais nervoso, uma raíña de Sabá eriança, mas com um olhar e um sorriso como nunca tiveram os orientais: um milagre de ironia e de vivacidade.

Não lhe via o corpo, nem pensaria em vê-lo, aquele corpo célebre; não me teria atrevido a olhá-lo se tivesse tido essa ideia. O mais extraordinário desta entrevista é que, a pesar dos cincoenta cavaleiros de mármore vermelho que tinham abraçado aquele corpinho, a pesar da túnica audaciosamente rasgada pelo lado abaixo, do colo e dos braços nus, e das sombras misteriosas que se adivinhavam sob o véu, a pesar da sua mons-

triosa lenda, esta mulher aparecia-me como coisa puríssima, direi mesmo virginal.

Por agora, estava tôda entregue ao riso que se apoderava dela, quando eu caíra ao chão. — Hiram-rei! — chamou ela.

Vi então o meu inimigo, um esplêndido lobo-tigre sentado no alto de uma coluna de vinte pés de altura, ainda furioso pelo pontapé que eu lhe dera.

— Hiram-rei! — tornou ela. Aqui!

O animal deu um pulo como se fôra movido por uma mola, e correu a encolher-se aos pés da dona, lambendo-lhe os tornozelos nus, com a língua encarnada.

— Pede perdão àquele senhor — ordenou ela.

O lobo-tigre olhava para mim com raiva. A pele amarela do focinho franziu-se-lhe em volta dos bigodes pretos.

— Étt — rousou êle como um gato.

— Vá! — ordenou Antínea.

O felino arrastou-se para mim contra vontade; pôs a cabeça sobre as patas, com humildade, e esperou.

Acariciei-lhe a cabeça de tigre.

— Não fique zangado com êle — disse Antínea. Ao princípio é assim com todos os estranhos.

— Então deve estar bastantes vezes de mau humor — disse eu.

Foram as minhas primeiras palavras. Antínea sorriu-se, examinou-se longa e tranquilamente, e disse a uma das raparigas:

— Aguida, há de dar vinte e cinco libras de ouro a Cegheir-bei-Cheikh.

E para mim depois de uma pausa:

— És tenente?

— Sou.

— De que terra és?

— De França.

— Já o podia supôr. Mas de que terra de França?

— De uma terra que se chama o Bot-et-Garonne.

— De que lugar nessa terra?

— De Duras.

Pensou um pouco:

— Há lá uma ribeira, o Dropt, e um castelo antigo.

— Conhece Duras! — exclamei apatetado.

— Vai-se lá de Bordéus num pequeno caminho de ferro. É um caminho encaixado, com colinas cheias de vinhas, coroadas de ruínas feudais. As aldeias tem nomes bonitos: Monségur, Sauveterre-de-Guyenne, Créon... Créon, como na *Antígona*.

— Já lá foi alguma vez?

— Trata-me por tu, — disse ela com uma espécie de aborrecimento. Tarde ou cedo, tens de fazê-lo. É melhor começar já.

Este convite cheio de ameaças, enchen-me de felicidade. E lembrei-me das palavras do sr. Le Mesge: «Não fale enquanto a mão vir. Logo que a vir, tudo há de renegar por ela.»

— Se já fui a Duras?! — continuou ela com uma gargalhada. — Estás a brincar! Pões agora na tua ideia, a neta de Neptuno, num compartimento de primeira classe, viajando por uma linha de interesse local?

E estendendo a mão para o enorme rochedo branco que se avistava por cima das palmeiras do jardim, disse gravemente:

— É todo o meu horizonte.

Entre vários livros espalhados em volta dela, sobre a pele de leão, Antínea pegou nuni, que abriu ao acaso.

(Continua).



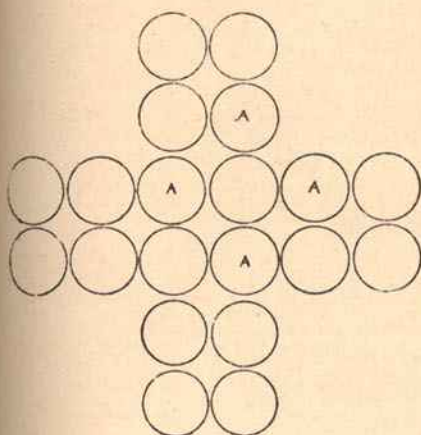
# Passatempo

## A CRUZ DE TENTOS

(Problema)

Quem diz tentos, diz moedas, pedras do jogo de damas, pequenos discos de cartão, em suma, quaisquer objectos redondos.

O caso é tomar vinte d'esses objectos e for-



mar uma cruz na disposição que a figura indica.

Reparando um pouco, observar-se há que os quatro tentos marcados aqui A, A, A, A, formam um quadrado, e não será difícil achar na figura outros quadrados formados igualmente por outros quatro tentos. Sabido isto, o problema tem duas partes:

1.ª—Quantos quadrados de todos os tamanhos existem na figura, formados do modo designado?

2.ª—Tirando seis tentos, resulta não se poder formar nenhum quadrado com os restantes. Que seis tentos são esses?

☞ ☞

Carlitos:— Não quero mais brincar com o Miguel, porque é mau.

A mãe:— És um rapaz às dircitas! Então o que fez o Miguel?

Carlitos:— Pôs-se a rir quando outro pequeno agarron o nosso gato pelo rabo e o fez andar à roda.

A mãe:— Quem era o outro pequeno?

Carlitos:— Era eu.

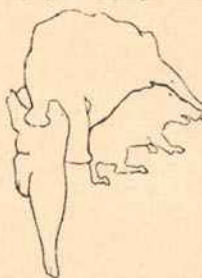
☞ ☞

## QUEM GANHOU?!

O criado de mesa e o caixa do «restaurant» entendiam-se magnificamente em questões de velhacaria, mas encontraram um dia quem fosse de força igual à deles. Um frêguês avulso pediu a conta e ao entregarem-

## PASSATEMPO ZOOLOGICO

(Solução)



☞ ☞

Iha, somou-a com toda a atenção e viu que lhe tinham levado dois escudos a mais.

— Como vem a ser isto? — perguntou ele, fitando o criado, com olhar penetrante.

— Sabe v. ex.ª — respondeu este, com pouca firmeza — é que o caixa apostou comigo um escudo em como v. ex.ª não daria por isso e eu apostei outro em que daria.

O frêguês, sorrindo, escreveu qualquer coisa no lado de trás da conta, dobrou-a e disse:

— Vá levar isto ao caixa.

O criado assim fez e ao abrirem-na ficaram os dois espantados de lerem:

— Aposto dez escudos em como já aqui não estarei quando voltarem a ter comigo.

E não estava, realmente.



AS MÃES MODERNAS

ELI:— Olça, Laura, sabe dizer-me quem é aquela graciosa rabarquinha, de verde, com quem dansei umas poucas de vezes esta noite?

ELA:— Ah! aquela é minha mãe.

## ILUSÃO ÓPTICA

M. Nachet, micrógrafo francês, publicou a descrição de uma curiosa ilusão óptica, a qual explica que os diátomos pareçam hexagonais. Os pontos circulares da figura 1 estão colocados, tanto quanto é possível, como

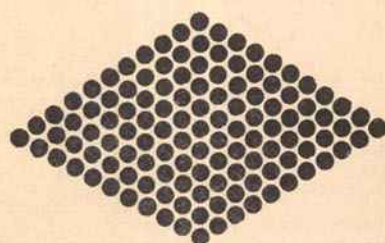


Fig. 1

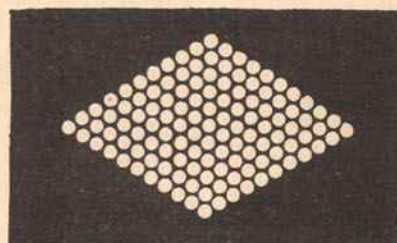


Fig. 2

as marcas do diátomo chamado *pleurosigma angulatum*.

Se se olhar para a figura por entre as pestanas, com os olhos semi-cerrados, os círculos parecerão hexagonos.

Na figura 2, produz-se o negativo da figura 1: Os pontos são brancos sobre fundo preto. Quando se comparam as duas figuras, os pontos pretos parecem muito maiores que os brancos, apesar de serem exactamente do mesmo tamanho. Este efeito de optica é devido à irradiação.

☞ ☞

Sofia:— Então o Alexandre fez-te a sua declaração, a noite passada?

Alice:— Vez.

Sofia:— E tu accitaste-o?

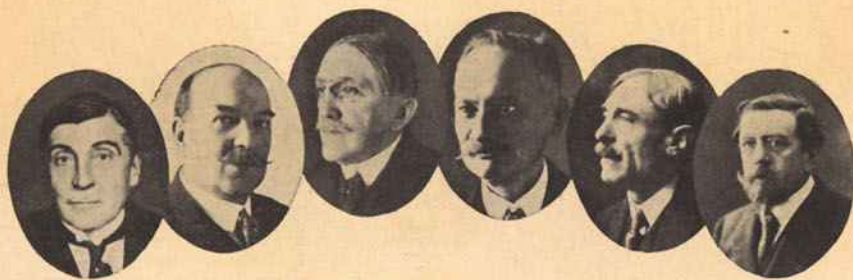
Alice:— Eu estava tão nervosa, que nem sei se o accitei, se não. Se éle cá vier esta noite, é porque o accitei, e se não vier, é porque não!

☞ ☞

A mulher:— João, acorda, tenho a certeza que andam ladrões na sala de jantar.

O marido (sonolento):— Deixa lá! Logo se vê de manhã, contando-se a prata.

# BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA



MEMBROS DO «COMITÉ SÉQUANA»

Da esquerda para a direita: — Os srs. Pol Neveux, da Academia Goncourt; Henry Bordeaux, Henri-Robert, Joseph Bédier, Paul Valéry, todos quatro da Academia Francesa; Fortunat Strowski, do Instituto e professor na Sorbonne

NOVAS OBRAS RECOMENDADAS  
PELO «COMITÉ SÉQUANA»

*Le Village Gris* — por Jean Toussent. Romance de tonalidades suaves donde se exala um perfume de infância decorrida na província. É a singela história duma criança do povo, até ao abrir da adolescência. Escrita com sinceridade, nostalgia e doçura, a narrativa penetra-nos até ao coração. A poesia familiar que a impregna ressuscita em cada um de nós emoções delicadas, de que, em geral, andamos excessivamente esquecidos. Este livro, editado na coleção «Prosateurs Français Contemporains» obteve o ano passado o *Grand Prix Wallon*, atribuído pela Academia de Literatura Francesa da Bélgica. 12 fr.

*Malléna* — por Bernard Nabonne. Quasi diametralmente oposto à obra anterior do romancista, a da sua estreia, *La Bulle aux Calles*, situada entre os bastidores da Ópera e um dos mais populosos bairros de Paris, — este romance transporta-nos a uma aldeia de Béarn, bem conhecida do autor. Há talvez demasiado sangue nestas páginas, mas o autor explica-o: aquele é o país por excelência dos dramas ocultos, isto além de que, de maneira genérica, a alma dos camponeses é seca de ternura. Este é o romance do que há de mais animal no homem, o verdadeiro romance do animal-homem, noton-o Delteil. Há nele verdade, sabe à vida, e é talvez nele que se verifica pela vez primeira a aplicação do freudismo no meio aldeão. Obteve o Prémio Théophraste Renaudot de 1927. 12 fr.

*Faites vos jeux* — por Bernard Fay. Cinco histórias de amor na América, escritas por alguém que bem conhece os americanos. Há aqui o mesmo vivo prazer que se disfruta nos filmes da vida universitária e desportiva dos Estados-Unidos. Vem-nos das suas páginas um hálito sadio e juvenil. Interessante, a valer, a obra, feita com simpatia e justiça. 12 fr.

*La Vie Amoureuse de Danton* — por Georges Lecomte, da Academia Francesa. Belo resumo da vida do grande Convencional, a propósito das mulheres que ele amou ou fingiu amar. O autor dá-nos aqui uma imagem de Danton vigorosa e robusta e repete todos os ecos da Revolução. O leonino tribuna teve seus caprichos amorosos, mas nenhum d'elles feriu grandemente a paz do seu lar. Mais o perturbaram as vozes rebeldes da multidão do que os murmúrios apaixonados das mulheres. Este esboço é feito com mão segura e pertence à coleção «Leurs Amours». 9 fr.

As livrarias ALLAUD E BERTRAND, representantes em Portugal das SELECTIONS MENSUELLES SÉQUANA, respondem gratuitamente a todas as consultas que lhes sejam feitas sobre a remessa regular, por assinatura, das obras escolhidas pelo COMITÉ, que são as melhores da literatura francesa.

*La Vie Chrétienne d' Eugénie de Guérin* — por Victor Giraud. Da coleção «Le Roman des Grandes Existences», este estudo é feito com esmero e profundidade psicológica, evitando os exageros que, por via de regra, mancham estes trabalhos de biografia romantizada. 15 fr.

*Desilus* — por François Mauriac. O autor, que em outros livros seus tem procurado acertar quanto à psicologia feminina em relação ao amor, neste não abandona o campo; aqui, na figura de Elisabeth Gornac, estuda a paixão amorosa no declinar da vida. Como ve o assunto, sobretudo pela maneira como está tratado, Pertence o romance à coleção «Cahiers Verts».

*De Pascal à Barrès* — por Edmond Jaloux. É a segunda série da compilação dos artigos que o autor, crítico profundo e culto, publica num periódico literário, sob o título de *L'Esprit des Livres*. Edmond Jaloux, que é também romancista, é sobretudo na crítica que tem firmado o seu nome de escritor. É justo é dizer que os seus juízos são firmes e claros, além de escritos no francês mais elegante, mais puro.

## REGISTO BIBLIOGRÁFICO

PREÇOS DAS OBRAS REFERIDAS NA ANTERIOR BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA (N.º 54):

- Jérôme 60° latitude Nord* — Maurice Bedel. 12 fr.
- Grand Louis l'Innocent* — Marie Le Franc. 10 fr. 50.
- Lettres espagnoles* — Jacques Lauretelle. 9 fr.
- Petite Histoire des Juifs* — Jérôme e Jean Thuzaud. 12 fr.
- Chroniques* — Marcel Proust. 12 fr.
- Vasco* — Marc Chaudourne. 12 fr.
- La vie gaillarde et sage de Montaigne* — André Lamandé. 15 fr.

- Études anglaises* — André Maurois. 12 fr.
- Le Zodiaque ou les Étoiles sur Paris* — Tristan Derème. 12 fr.
- Art et Artistes du Moyen Age* — Émile Male. 30 fr.
- Le Comte d'Artois, Charles X* — J. Lucas-Dubreton. 20 fr.
- Rencontres avec Richard Wagner* — Alexandre Arnoux. 12 fr.
- Psyché* — Pierre Louys. 12 fr.
- Le Chant du Bienheureux* — Jean Chardonne. 12 fr.
- Jaune Bleu Blanc* — Valéry Larbaud. 12 fr.
- L'Art de former une Bibliothèque* — Émile Henriot. 7 fr. 50.
- L'Orgueilleuse* — Suzanne Martinon. 12 fr.
- L'Imposture* — Georges Bernanos. 12 fr.
- L'Enfer Sacré* — 1914 — Raymond Poincaré. 25 fr.

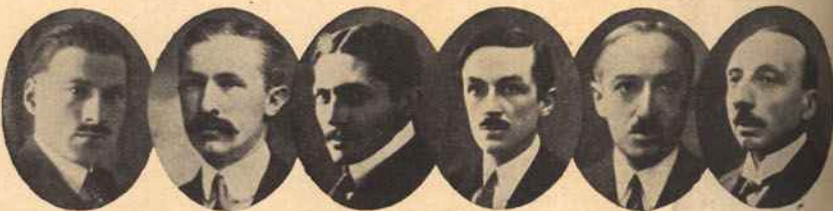
OUTRAS OBRAS RECENTES

- MARITAIN (J.) — *Primaudé du spirituel*. 12 fr.
- MOCHT (DR. ALBERTO) — *La Connaissance scientifique*. 25 fr.
- RABEAU (G.) — *Réalité et Relativité. Étude sur le relativisme contemporain*. 12 fr.
- SPAIER (ALBERT) — *La Pensée concrète. Essai sur le symbolisme intellectuel*. 25 fr.
- VACHET (DR. PIERRE) — *L'inquiétude sexuelle*. 12 fr.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Attingiu há um ano de publicação a magnífica revista Ilustrada que se edita em Barcelona e se intitula *Mundo Ibérico*. Dizem que os números saídos até à data não falsam o que o seu programa prometia, parecendo-se ser dizer menos do que é justo: ela está excedendo e muito, quer em colaboração literária e artística, quer em execução gráfica, pelos mais perfectos e modernos processos de gravura, a parte mais onerosa desse programa. No texto, variadíssimo mesmo dentro de cada número, frequentes vezes encontramos matéria relativa a Portugal, e sempre num tom de inteligência e simpatia que profundamente nos toca. Esta revista continúa sob a direcção do illustre escritor sr. Mário Verdaguere.

A Itália não descura em «o momento a propaganda dos seus atributos turísticos. Dessa propaganda é principal órgão a revista mensal *Le Tourisme en Italie*, com um atrante aspecto e cheia de sugestivas gravuras e descrições dos pontos mais bem-falados para atrair o viajante. Aqui se fala de Rapallo, excelente estação de inverno, ali da Sardenha e dos seus pitorescos costumes, mais além em consolidação dos caminhos de ferro Italianos. Lêr uma revista assim é sentir a morder-nos o espírito a tentação ambulatória, a sedução forte de horizontes novos, de inéditas facetas da vida. E, olhando-a, folheando-a, a essa revista italiana, a pergunta acode-nos instintivamente: porque não teremos nós, portugueses, para propaganda da nossa terra, uma publicação similar, redigida em francês, para ser espalhada por todo o mundo? O dinheiro gasto com ela, fosse dispendido pelo Estado ou dispenseiros, antes, qualquer organismo particular interessado no desenvolvimento do turismo em Portugal, seria tão reprodutivo como a semente que se multiplica no solo da terra.



OS RESTANTES MEMBROS DO «COMITÉ»

Da esquerda para a direita: — Os srs. Pierre Lyautey, André Champeix, Jacques Fatuville, Henri Massis, André Maurois, Léon Bérard, antigo ministro da Instrução Pública

## ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS ... ..	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA ... ..	47\$00	92\$00
Registados .. ..	24\$40	47\$80	93\$60	Registados .. ..	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL ... ..	49\$00	96\$00		BRASIL ... ..	52\$00	102\$00
Registados .. ..	53\$80	105\$60		Registados .. ..	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR ... ..	53\$00	104\$00		ESTRANGEIRO ... ..	63\$00	124\$00
Registados .. ..	57\$80	113\$60		Registados .. ..	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 4\$00

# VOGA

A ÚNICA  
GRANDE  
REVISTA  
FEMINI-  
NA POR-  
TUGUESA

..

MODAS

..

BOR-  
DADOS

..

CON-  
FE-  
ÇÕES

..

LITERA-  
TURA  
FEMINI-  
NA

..

CONTOS  
PARA  
CRIAN-  
ÇAS

..

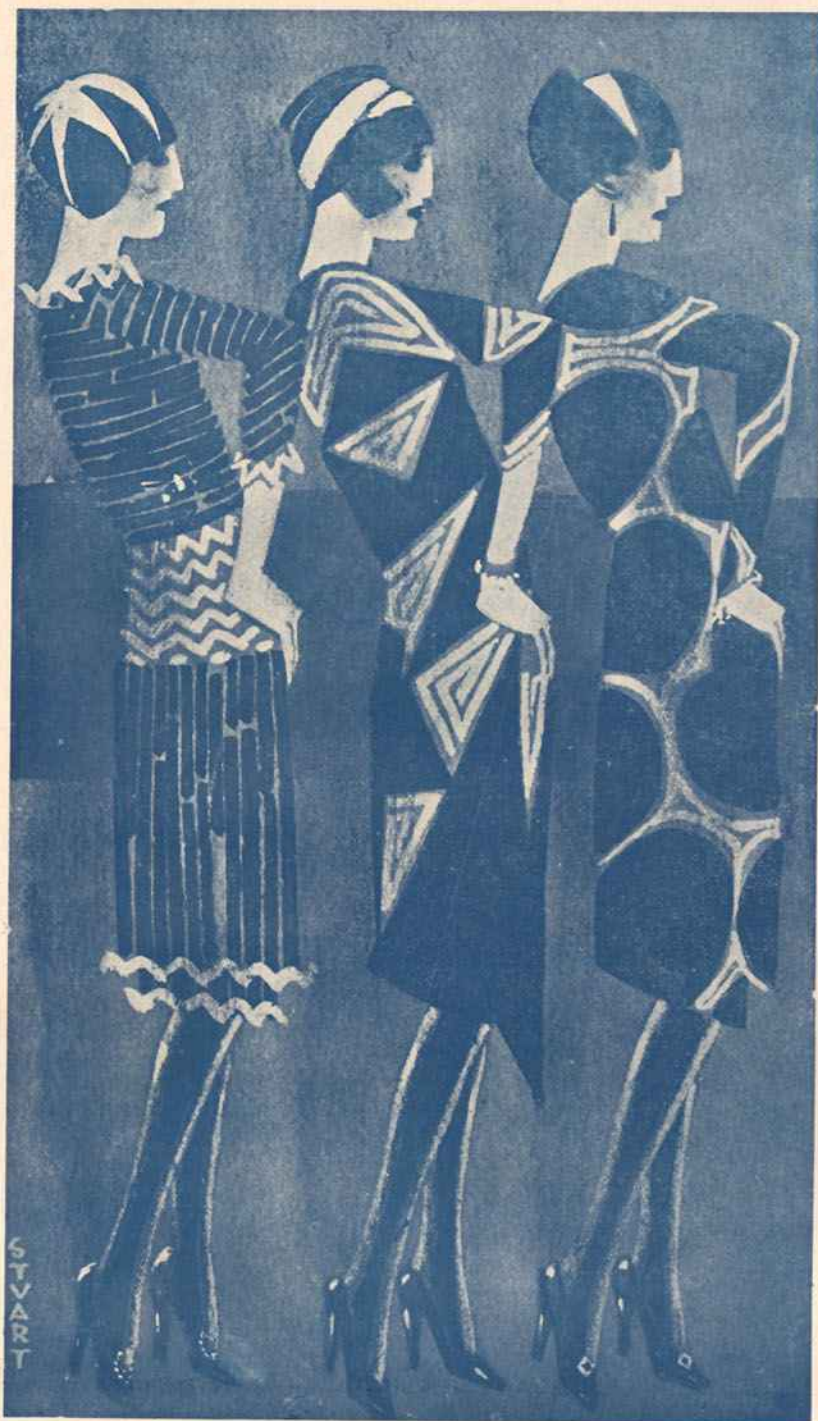
CONCUR-  
SOS

GRAFO-  
LOGIA

ROMAN-  
CES

..

ELEGAN-  
CIA



MODE-  
LOS EX-  
CLUSIVOS  
DE PARIS  
RECEBI-  
DOS SE-  
MANAL-  
MENTE

..

A ÚNICA  
GRANDE  
REVISTA  
DE ARTE  
PARA AS  
SENHO-  
RAS  
PORTU-  
GUESAS

..

PAGINAS  
CENTRAIS  
MA-  
RAVI-  
LHOSAS

..

FOLHAS  
DE BOR-  
DADOS E  
MOLDES  
EM TA-  
MANHO  
NATU-  
RAL

..

CINEMA

..

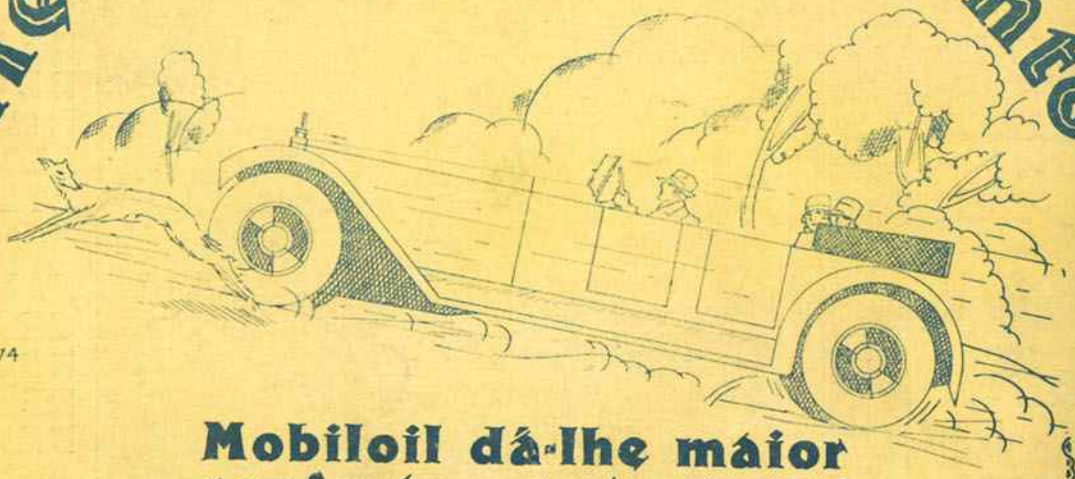
TEATROS

..

BELEZA

CUSTA 15 TOSTÕES

**Melhor Funcionamento  
do seu carro!**



174

**Mobiloil dá-lhe maior  
conforto e segurança!  
Mobiloil diminui a des-  
pesa de sustento do seu  
carro e prolonga-lhe a  
duração!**

Mobiloil é o mais perfeito dos lubrificantes até hoje fabricados para automóveis — usado e recomendado em todo o mundo desde o início do automobilismo.

Mobiloil é vendido em latas seladas (quasi ao preço do óleo a granel) e por isso livre de quaisquer impurezas quando entra no motor do seu carro.

Além disto, todos os carros que se fabricam no mundo — o seu carro — também

são cuidadosamente estudados pelos nossos engenheiros especialistas, em colaboração com os fabricantes, para determinar o óleo apropriado a todas as condições de funcionamento. O tipo de Mobiloil necessário para o seu carro, encontra-se à venda nas boas garages em barris, em latas de 17 kg e em bidões selados de 1 galão americano (3,8).

92% dos construtores americanos aprovam o emprego de Gargóyle Mobiloil.



# Mobiloil

*Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações*

REFINARIAS:  
BAYONNE (N. J.)  
PAULSBORO (N. J.)

REFINARIAS:  
OLEAN (N. Y.)  
ROCHESTER (N. Y.)

## Vacuum Oil Company